



ANTOLOGIA DE SILVER BIRCH

Amadeu António





SABEDORIA DO MUNDO ALÉM

Organizado por WILLIAM NAYLOR

A SILVER BIRCH

Embora nunca nos tenhamos encontrado no plano terreno,
ele é verdadeiro amigo, meu conselheiro e guia,
a minha força e conforto nos dias de dor,
a presença invisível, constante ao meu lado —
ele compreende os problemas da vida e as suas necessidades,
(pois é enfrentando provas que a nobreza cresce!)
aponta o rumo da conduta em todos os atos,
sabendo que apenas colhemos as sementes que semeamos —
em palavras de simples sabedoria ele dirá
que o serviço é a única moeda do Espírito,
os caminhos do amor e da bondade abrem a via
à verdadeira Fonte onde todas as estradas se juntam.
SYLVIA BARBANELL.

INTRODUÇÃO

De todos os grandes e célebres seres desencarnados que dominaram a incerta arte da comunicação espiritual contínua, nenhum foi tão amplamente amado e justamente honrado como Silver Birch, o guia espiritual invariavelmente sábio e eloquente, e contudo sempre humilde, do círculo caseiro de Hannen Swaffer.

O propósito desta antologia é selecionar, do vasto acervo registado das suas memoráveis declarações, algumas das opiniões, afirmações e pronunciamentos que têm significado permanente para uma humanidade que ainda evolui, penosamente, rumo a uma maior percepção das realidades espirituais.

Tencionara inicialmente pegar nos seis livros de Silver Birch e escolher passagens sobre uma variedade de temas. O que imaginara era uma espécie de “Silver Birch de Cabeceira”.

Mas ele não é assim tão simples. Descobri que, tal como o mestre artista, dramaturgo e compositor, está constantemente a debater os grandes temas da experiência humana ou a interpretar verdades universais imperecíveis. Faz-se uma pergunta sobre uma questão comparativamente menor e, vezes sem conta, ele usá-la-á como afluente por onde regressa ao curso principal da sua filosofia.

O que procurei, então, foi mergulhar nesse curso principal e mostrar o que ele tem a dizer sobre a verdade, a morte, o medo, o amor, a imortalidade, as leis da vida, o Grande Espírito Branco — o seu nome para Deus — e alguns outros assuntos pertinentes.

Da eloquência de Silver Birch não pode haver dúvida. Nas palavras de um jornalista experiente:

«O ensinamento de Silver Birch é um exemplo de alquimia do espírito, a capacidade de tomar as vinte e seis letras do alfabeto e transmutá-las em palavras de cintilante beleza. Como alguém que passa toda a vida de trabalho a escrever, posso apreciar que a faculdade de, semana após semana, conseguir proferir palavras de sabedoria, cheias de eloquente simplicidade, de modo espontâneo, é por si só evidência de sobrenaturalidade.

«Tal como outros jornalistas que vivem da pena, sei que o inglês simples é o mais difícil de escrever. Sei quanto é preciso polir e repolir, alterar palavras, eliminar outras, mudar frases, consultar o dicionário e o thesaurus, antes de se ficar satisfeito. E, no entanto, aqui está um homem morto que, sem hesitar, produz prosa perfeita. Tudo o que diz está cheio de bom senso, é inspirador, elevador e nobilitante.

«Reduz a religião ao fundamental do serviço mútuo. Revela um Deus de lei natural, não uma divindade pessoal, tribal, sujeita a capricho, ira ou vingança. As palavras de Silver Birch cintilam como diamantes. Visualiza-se um ser evoluído, cheio de amor por toda a humanidade, a esforçar-se por ensinar verdades que estão ocultas aos sabichões mundanos mas reveladas a mentes simples, como as das crianças. Tem uma única mensagem de serviço a oferecer à humanidade perplexa, mas parece possuir um número infinito de modos de expressar o seu evangelho.

«Como alguém que lê o seu ensino há anos, saúdo um mestre do inglês, um grande artífice literário, a quem aprendi a amar e admirar.»

Numa carta a Hannen Swaffer, depois de ler um exemplar de *Teachings of Silver Birch*, o primeiro da série dos pronunciamentos deste guia, nada menos do que um magnata da Imprensa como Lord Beaverbrook escreveu: «Contém passagens de grande beleza e impressionou-me a simplicidade da obra.»

O *Natal Daily News*, ao recensear *More Teachings of Silver Birch*, o segundo livro da série, afirmou: «Raramente a língua inglesa foi usada com tanta delicadeza, tanta simplicidade e tanta beleza.» Ao selecioná-lo como «Livro da Semana», o texto louvou-o «nem que fosse só como uma magistral exposição da língua inglesa». Uma passagem do livro mereceu o elogio: «Isso supera o drama de um Churchill.»

Homenagem semelhante, desta vez a *Wisdom of Silver Birch*, o terceiro da série, foi prestada pelo *Aberdeen Press and Journal*, que declarou: «Muitas das declarações deste guia proporcionam prosa quase “churchilliana” em alguns dos seus voos.»

Não se encontraria fora dos ensinamentos dos grandes líderes religiosos uma filosofia mais elevada e, ao mesmo tempo, menos complicada. E, ainda assim, mesmo entre estes, Silver Birch é único, pois ensina e fala como alguém que provém de outro plano de existência.

Panteísta, no mais alto sentido do termo, permeado de altruísmo, simplicidade e sabedoria, os seus ensinamentos límpidos não cessam de sublinhar a suprema importância da vida espiritual e a necessidade da compaixão no trato com os nossos semelhantes. E defende sempre uma vida de serviço àquilo a que chama o «Grande Espírito Branco».

Em Silver Birch encontra-se a mesma dedicação suprema à humanidade sofredora e reverência por toda a vida que são a marca daquele que é o maior santo dos tempos modernos, Albert Schweitzer. Aqui também está a pureza de

visão e o reconhecimento de um único espírito em todas as coisas que irradiam pela poesia inspirada de Shelley. Mas, ao contrário destes dois homens supremamente dotados, cujas especulações filosóficas, senão as obras e os feitos, por vezes ultrapassam a compreensão das massas, Silver Birch não é um intelectual. Tem uma só temática, repetida e inequivocamente sublinhada: a adesão à Lei.

O que é esta Lei? Deixemos que Silver Birch responda por si.

CAPÍTULO UM

A LEI INFALÍVEL

O Grande Espírito é infinito, e vós sois partes do Grande Espírito. Se tiverdes fé perfeita e viverdes corretamente, então podeis participar na dádiva do Grande Espírito. Se cada pessoa no vosso mundo tivesse fé perfeita, então ela receberia. Se uma pessoa estivesse com fome e, ainda assim, tivesse fé perfeita, então receberia a resposta.

«É assim que a Lei opera. Se aprenderdes a sintonizar-vos com a Lei, os resultados têm de surgir. Se os resultados não surgirem, isso apenas prova que não estais em sintonia com a Lei. Os vossos livros de história contam-vos que tem havido aqueles, dos mais baixos entre os baixos, os mais pobres entre os pobres, que experimentaram a Lei e ela não os falhou. Não deveis apontar para os que não a experimentam e perguntar por que não funciona.

«Por vezes o espírito fica esmagado e não consegue elevar-se acima das circunstâncias envolventes, mas, se tivésseis fé perfeita, poderíeis erguer-vos acima de todos os problemas do vosso mundo. Voltaríeis os rostos para o sol, que é apenas um emblema do Grande Espírito, e diríeis: ‘Eu sou parte do Grande Espírito. Sou indestrutível. Sou eterno. Sou infinito. Aquilo que é finito e parte do mundo da matéria não me pode tocar.’ Se assim fizésseis, não seríeis tocados.

«Muitas pessoas começam com medo no coração. Têm receio de não obter resultados, e o elemento do medo perturba a vibração. O amor perfeito lança fora o medo. Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

«Isso foi-vos ensinado há muitos anos por alguém que conhecia a Lei. Ele mostrou que, quando a punha em funcionamento, os resultados surgiam sempre. Se permitirdes que a Lei funcione, então os resultados têm de vir.

«Vou dizer-vos outra Lei. Não há nada que possais ter no mundo da matéria sem que pagueis o preço. O preço da mediunidade é o aumento de sensibilidade. Não podeis acumular riqueza sem pagar o preço, porque, se o fizerdes e esquecerdes os deveres do vosso próprio espírito, podereis ser ricos nos bens do vosso mundo, mas sereis muito pobres no meu mundo.

«Tendes as maiores riquezas dentro de vós. Vós sois parte do Grande Espírito. Não há riquezas nem fortunas no vosso mundo que possam ser comparadas com isso. Procuramos ensinar-vos a explorar as vossas próprias minas de ouro, a revelar os diamantes do espírito que estão dentro do barro das vossas próprias naturezas.

«Que todos aprendais a responder às vibrações dos planos mais elevados do espírito. Que todos perce-bais que nunca estais sós, mas sempre rodeados, por todos os lados, por uma multidão daqueles que vos amam, que procuram guardar-vos e guiar-vos e ajudar-vos e inspirar-vos. E que, à medida que desabrochais os vossos próprios espíritos, compreendais que estais a ser atraídos mais para perto do maior Espírito de todos, tornando-vos mais em uníssonos com a Sua Lei.

«Vós servi-Lo servindo os filhos da matéria. Quando assim fazeis, estais ao alcance dos Seus braços infinitos; estais cercados pelo Seu amor, que vos conduzirá à paz perfeita.

«A fé que é apenas fé, por vezes falha quando sopram os ventos da amarga experiência. Mas a fé que nasce do conhecimento fornece um alicerce tão sólido que nenhum vento das circunstâncias o pode abalar.

«Bem-aventurados os que creem e ainda não viram, mas três vezes bem-aventurados os que sabem e, porque sabem, depositam a sua fé naquilo que ainda não lhes foi revelado, porque sabem que as leis do universo são operadas por um poder que é amor e sabedoria.

«Devíeis todos ter fé perfeita, porque é uma fé nascida do conhecimento. Tivestes a prova do poder do espírito. Agora deveis ter a fé de que todas as coisas operam com sabedoria e bem e de que, se vos sintonizardes com as leis do Grande Espírito, então haveis de colher a operação dessas leis.

«Podeis todos banir das vossas mentes a ideia de que algo que é obscurecido — ou, como diríeis, mau — vos possa alguma vez tocar. Viveis e moveis-vos sob a proteção do Grande Espírito e das Suas leis.»

Se não houver mal nos vossos corações, então só o bem vos pode alcançar, pois apenas o bem pode habitar onde reina a bondade. Ninguém senão os servidores

do Grande Espírito vem à vossa presença a partir do meu mundo. Não tendes de ter receios. O poder que vos envolve, o poder que vos sustém e procura guiar-vos e inspirar-vos é o poder que emana do Grande Espírito de tudo.

Esse poder pode sustentar-vos em todas as vossas provas e dificuldades. Esse poder pode transformar as vossas tempestades em bonança e conduzir-vos das trevas do desespero para a luz do conhecimento. Os vossos pés estão colocados em veredas de progresso. Não há necessidade de medo.

O amor perfeito lança fora o medo. O conhecimento dissipa o medo, pois o medo nasce da ignorância. Onde há amor e confiança e conhecimento, aí o medo não pode reinar. Um espírito evoluído não pode ter medo em tempo algum, porque sabe que não existe experiência que lhe possa sobrevir, em qualquer fase da vida, que ele não possa dominar, pois ele é o Grande Espírito.

O medo cria a sua própria prisão para a alma. Tendes de aprender a elevar-vos acima do medo e a não permitir que as suas vibrações vos estorvem, a ter fé perfeita e confiança e entrega, a saber que podeis manter-vos firmes e dizer: «Eu sou o Grande Espírito e o vento das circunstâncias não me pode abalar; erguerei triunfo sobre toda a dificuldade por causa do poder infinito que está dentro da minha alma.»

Tendes poder sobre todas as circunstâncias. Iríeis vós limitar o poder da alma infinita? O Grande Espírito domina sobre o que é material e sobre o que é espiritual. Não há divisões no Seu reino universal. Não tenteis separar a vida da matéria da vida do espírito. Não são distintas e separadas. São partes de uma vida indivisível, pois as coisas da matéria reagem sobre as coisas do espírito e as coisas do espírito reagem sobre as coisas da matéria.

Tendes ainda de aprender que não há dificuldades que assaltem aqueles abençoados com o poder do espírito que eles não vençam, desde que, em contrapartida, sirvam o Grande Espírito Branco onde quer que vão.

Não há obstáculos no vosso mundo que nós não possamos remover, se for lei que sejam removidos. Se, por vezes, a cruz que tendes vos parece muito pesada de suportar, lembrai-vos de que, embora eu renunciasse a todo o meu progresso para vo-la tirar, é melhor para vós carregá-la e aprender a lição que ela traz. Deveis considerar não só esta vida, mas toda a eternidade.

Se vós, filhos da matéria, vos lembrásseis de que não sois apenas humanos mas também divinos, quão mais fácil vos seria viver as vossas vidas. As vossas tribulações desvanecer-se-iam, os vossos obstáculos seriam varridos para o lado.

Mas tendes pouca fé no poder que está em vós. Aquilo a que chamais humano pertence ao mundo da matéria. O que é divino pertence ao Grande Espírito.

Há muitos anos vos foi dito para estardes no mundo mas não serdes do mundo. Porque as gentes do vosso mundo não têm fé, a lei não pode ser posta em funcionamento. Dizeis que um tem mais dinheiro e menos preocupações do que outro. Não sabeis como se comparam as suas preocupações. As leis do Grande Espírito não podem ser iludidas.

Estais na Terra para construir o vosso carácter. É a maneira como enfrentais os vossos problemas que faz o vosso carácter. Mas não há problema no vosso mundo da matéria que seja maior do que o poder que tendes dentro de vós para o superar, porque os problemas são da Terra, materiais, e vós sois parte do Grande Espírito, divinos.

Há apenas uma paz — a paz que vem àqueles que estão em unidade com o Grande Espírito, cujos corações batem em uníssonos com o Seu grande coração, cujas vontades estão de acordo com a Sua grande vontade, que estão em unidade de alma, mente e coração com o Grande Espírito. Então há paz, porque estão em harmonia com as Suas leis. Não há outra paz.

Só vos posso ensinar as leis. Foi-vos dito há muitos anos que o reino dos céus está dentro. Não está fora. Não se encontra na azáfama do mundo da matéria. Encontra-se dentro da alma.

Tão bem equilibrada e tão perfeita é a lei que não pode haver fraude. Nem uma pessoa escapa ao seu castigo, e nem uma perde a sua recompensa. Não julgueis a eternidade com os olhos da matéria. Não julgueis o menor quando não vistes o maior.

Não confundais as alegrias transitórias da Terra com as coisas duradouras do espírito. São vistosas e frágeis. Vós pensais em termos da Terra, enquanto eu vejo com os olhos do espírito. Não posso alterar a lei para vos agradar.

Se perguntardes a todos os que vos regressam do meu lado, verificareis que todos dizem que a lei é perfeita. Nunca querem voltar ao mundo da matéria. Vós procurais encontrar a paz fora. Eu tento mostrar-vos a paz eterna dentro. As maiores riquezas são as riquezas do espírito.

Algumas pessoas preocupar-se-ão sempre. Mesmo no mundo do espírito, preocupar-se-ão. Preocupar-se-ão porque perceberão que poderiam ser mais perfeitas, porque não são instrumentos perfeitos para o Grande Espírito, porque só através de labuta e tensão eliminarão as imperfeições das suas naturezas e permitirão que o divino brilhe através delas.

Julgais que somos felizes quando percebemos o trabalho que ainda há a fazer? Julgais que não nos preocupamos quando vemos os filhos da matéria privados do que é necessário ao seu sustento, ou quando ouvimos o falso ensino que é difundido em nome do Grande Espírito?

Julgais que não nos preocupamos quando vemos trevas onde deveria haver luz, quando os homens estão aprisionados pelo desejo quando podiam ser livres, quando vemos o caos que foi causado no vosso mundo?

Preocupamo-nos porque os nossos corações estão cheios de compaixão, porque procuramos tornar possível que o amor do Grande Espírito flua através de nós e de vós para o vosso mundo da matéria, onde tantos são privados das coisas que são a sua herança. O Grande Espírito deu-lhes todas as coisas em abundância, mas são-lhes negadas. Não podeis ser uma grande alma quando outros passam fome e vós estais fartos.

A parte mais difícil da nossa tarefa é quando, por vezes, temos de ficar a assistir e ver-vos sofrer. Sabemos que não devemos ajudar porque é uma batalha do vosso próprio espírito. Se vencerdes a vossa batalha, então nós também vencemos. Se perderdes, então nós perdemos. É a nossa batalha o tempo todo, mas não devemos levantar um dedo para ajudar.

Por vezes derramei lágrimas porque vi sofrimento e sabia que não devia ajudar. Essa é a lei. Doeu-me mais a mim do que ao sofredor.

Se fizerdes o que sabeis que é certo, então não podeis fazer mais. Se isso significar que, por vezes, deveis negar-vos a vós próprios, então deveis fazê-lo. Um dia faz-se o acerto de contas.

Não posso resolver os vossos problemas por vós. Se vos disser o que fazer, isso interfere com o vosso livre-arbítrio. Uma vez que eu comece a dizer ao meu médium o que deve e o que não deve fazer, isso é o fim do seu livre-arbítrio. Então o seu progresso começa a sofrer.

É a forma como resolveis os vossos problemas que desenvolve o que está em vós. Não desenvolveis o espírito quando tudo é fácil e liso, mas quando tendes dificuldades. Porém, há ocasiões em que nos sentimos justificados em interferir com o vosso juízo.

Interviria se estivesse em causa um princípio muito vital. Se significasse que o meu trabalho através de qualquer médium seria interrompido, então interviria para que o canal continuasse livre. Mas quando os problemas apenas afetam a própria evolução do meu médium, então são responsabilidade dele e tem de os resolver por si.

Silver Birch contribuiu uma vez para uma discussão sobre jardinagem, feita pelos membros do seu círculo, com estas palavras:

«A semeadura e a colheita fazem parte da lei natural, que eu gostaria que fosse aceite por mais pessoas. É no cultivo dos frutos da terra que aprendeis quão inexoráveis são as leis do Grande Espírito. Quem vive perto da terra e vê a operação da lei da natureza começa a apreciar a obra divina e a compreender algo da Mente que planeou tudo na sua sequência ordenada.

Aquilo que é armazenado é aquilo que foi semeado. A semente é sempre fiel ao seu tipo. Não podeis semear a semente de uma batata e esperar que cresça uma alface. Sempre o que foi semeado seguirá, sem desvio, o ditame da lei natural. E o que é verdadeiro nesse domínio da natureza é igualmente verdadeiro no domínio da vida e da atividade humanas.

Quem vive egoisticamente deve colher os resultados do egoísmo. Quem peca deve colher o resultado do seu pecado. Quem é intolerante, sectário ou egoísta colherá os resultados da intolerância, do sectarismo e do egoísmo. A lei é inexorável; a lei é imutável. Não há exercício religioso, não há hino, não há oração, não há livro sagrado que possa interpor-se e alterar a sequência de causa e efeito.

O efeito segue a causa com certeza metódica e mecânica, e ninguém tem o poder, seja chamado sacerdote ou leigo, de interferir nesse processo natural. Quem deseja o crescimento do espírito tem de viver o género de vida que, só ele, pode assegurar o crescimento espiritual.

O espírito cresce através da bondade, da tolerância, da simpatia, do amor, do serviço e da prática de boas obras. O carácter evolui apenas quando permitis que o espírito divino se manifeste nas vossas vidas diárias. Se alimentardes pensamentos de indiferença, de ódio, de malícia, de vingança, de egoísmo, vós próprios sereis a vítima e vós próprios haveis de pagar o preço num carácter deformado, distorcido e frustrado.

Toda a lei é parte de uma vasta lei. Tudo funciona em harmonia porque tudo faz parte do plano divino. A lição é que homens e mulheres, em todo o mundo da matéria, devem procurar a sua salvação vivendo-a nas suas vidas quotidianas e abandonando toda a falsa teologia que ensina que é possível lançar sobre outros os resultados e responsabilidades das vossas próprias ações.

O homem é o jardineiro da sua própria alma. O Grande Espírito proveu-o de tudo o que é necessário para que ela cresça em sabedoria, graça e beleza. Os instrumentos estão lá, só tem de os usar com sabedoria e correção.»

Noutra ocasião declarou:

«A lei é perfeita no seu funcionamento. O efeito segue sempre a causa com precisão matemática. Nenhum indivíduo tem poder para alterar, nem por um fio de cabelo, a sequência de causa e efeito. Aquilo que se colhe tem de ser aquilo que se semeia, e a alma de cada indivíduo regista, de modo indelével, todos os resultados da vida terrena.

Quem pecou contra a lei carrega na sua própria alma os resultados da sua ação terrena, e não haverá progresso até que a reparação seja feita por cada ato pecaminoso.»

Para Silver Birch, a lei é Deus e Deus é a lei. Ele afirma: “Não existe um Deus pessoal para além daquele que os seres humanos criaram; não existe um Diabo pessoal para além daquele que os seres humanos criaram. Não há um céu dourado, nem um inferno de fogo. Estas são as imaginações daqueles cuja visão é limitada. O Grande Espírito é a Lei. Sabe isso, e terás aprendido o maior segredo da vida, pois, uma vez que percebas que o mundo é governado por uma lei imutável, inquebrável, inalterável, onipotente, saberás que a justiça é feita e que ninguém pode ser esquecido no grande desígnio da criação.

“É por isso que tudo é conhecido. É por isso que nada pode ser omitido. É por isso que cada faceta da vida encontra o seu lugar no plano universal. É por isso que nada pode ser ignorado, pois a lei abrange todos os aspetos da vida, por mais pequenos, por mais vastos que sejam, porque tudo é lei. Nada existe exceto a Lei que torna a sua existência possível. A lei reina suprema. O livre-arbítrio do homem cria confusão e obscurece, na sua mente, o funcionamento da lei, mas a Lei existe da mesma forma e deve atuar. Sei que a teologia tem sido uma grande maldição para o vosso mundo, mas os seus dias estão praticamente terminados.”

CAPÍTULO DOIS

RAZÃO DO SOFRIMENTO

Tão profunda é a sua convicção, tão sucinta a sua interpretação da lei, que, por vezes, Silver Birch parece quase indiferente.

“Apontamos para uma lei que é uma lei”, declara, “uma lei que sempre atuou; uma lei que sempre atuará porque a Mente Eterna é responsável pelo seu ser. Vive de acordo com a lei e terás harmonia e paz dentro e fora de ti: vive contra a lei e imporás discórdia e caos dentro e fora de ti. Sois seres espirituais. Um dia

tereis de enfrentar este facto. Melhor será fazê-lo agora e poupar-vos anos de dificuldades desnecessárias.”

Tal clareza poderia ser mal interpretada como frieza, especialmente quando uma alma pouco desenvolvida, ou alguém cegado pelas lágrimas do luto, ouve o guia falar da necessidade do sofrimento e da dor. Mas, como Silver Birch explicou: “O Grande Espírito é amor infinito e nada acontece em todo o universo sem o Seu conhecimento. Todo o sofrimento traz automaticamente a sua própria recompensa porque toca a alma e, ao fazê-lo, dá-lhe uma maior consciência dos aspetos mais elevados, profundos e sublimes do universo.”

Disse ele ao círculo numa ocasião: “O vosso mundo não compreende a função da dor, do sofrimento, da dificuldade e da adversidade, mas tudo isso desempenha um papel importante na evolução do espírito humano. Olhai para trás nas vossas próprias vidas e vede que, muitas vezes, as maiores crises, os problemas mais difíceis, as horas mais negras, foram as pedras de passagem que conduziram a uma maior compreensão. Não evoluiríeis se para sempre habitásseis apenas no sol, vivendo livres de cuidados, ansiedades e preocupações, onde toda a dificuldade que se aproximasse fosse automaticamente removida de modo a nunca vos tocar, onde não houvesse pedras ásperas no vosso caminho, onde nada houvesse para conquistar. É no enfrentar e no elevar-se acima dos problemas que cresceis.”

“Cada experiência é parte do padrão da vossa vida”, disse noutra reunião do círculo. “Tentais julgar a eternidade pelos acontecimentos temporais. Vedes na matéria uma confusão aparente, mas não percebeis que um fio divino percorre todas as vossas vidas.

“No grande universo onde a harmonia é a lei, cada um de vós contribui para o plano. Os acontecimentos das vossas vidas, por vezes de amargura e desespero, de dor e miséria, desempenham todos o seu papel na preparação gradual da alma para o caminho que está a ser trilhado.

“A escuridão e a luz, a sombra e o sol, são apenas reflexos de um todo. Sem sombra não poderia haver luz e sem luz não poderia haver sombra. As dificuldades da vida são degraus que permitem à alma elevar-se.

“Dificuldades, obstáculos, limitações – estas são as provas da alma. E quando ela as vence a todas, eleva-se mais forte, mais purificada, mais intensa e mais evoluída.

“Pensais que os poderes latentes da alma, infinitos nas suas possibilidades de expressão, poderiam realizar-se sem dificuldade e dor, sem sombra, sem tristeza e sem sofrimento e miséria? Claro que não.

“A alegria e o riso só podem ser plenamente desfrutados quando tiverdes bebido até ao fim o cálice da tristeza, pois tão baixo quanto puderdes cair na escala da vida, assim podereis corresponder e elevar-vos. Quanto mais tiverdes provado e experimentado aquilo que parece ser a sombra da vida terrena, mais apreciareis, por causa disso, as maiores alegrias do sol.

“As vossas experiências são todas parte da vossa evolução. Um dia, livres das amarras da carne, com os olhos não mais toldados pela matéria, olhareis em retrospectiva e vereis a vida que vivestes na Terra. E, a partir do puzzle de todos os acontecimentos, perceberéis como cada peça se encaixa no seu lugar atribuído, como cada experiência foi uma lição para despertar a alma e capacitá-la a ter uma maior compreensão das suas possibilidades.

“Não existe experiência que chegue à alma humana que, se for devidamente entendida e enfrentada, não vos deixe melhores por causa dela. Podeis contemplar um mundo material onde não houvesse dificuldades, nem provas, nem problemas, nem dor, nem sofrimento? Não haveria evolução. Não haveria nada a superar, decaíreis.”

CAPÍTULO TRÊS

O PODER SUPREMO DO AMOR

“Há um grande poder no universo que nunca foi objeto do escrutínio analítico dos laboratórios, que não pode ser resolvido por químicos nem por bisturis, e, no entanto, é tão real que transcende todas as outras forças que foram medidas, pesadas e dissecadas.”

Silver Birch refere-se ao poder do amor. “Esse amor”, continua ele, “é imperecível porque faz parte do Grande Espírito, o espírito criador de toda a vida, parte do poder que moldou a vida; é, na verdade, o próprio sopro e a própria essência da vida. E onde quer que o amor exista, mais cedo ou mais tarde, aqueles que estão unidos pelos seus laços voluntários encontrar-se-ão de novo, apesar de todos os entraves, obstáculos e impedimentos que possam existir.

Numa ocasião, Silver Birch foi questionado: “Dizes: ‘O único vínculo entre aqueles que já partiram é o amor.’ Qual é a situação quando A ama

verdadeiramente B, mas o amor de A não é correspondido por B, e ambos já partiram? Está A separado de B por causa disso, ou fica ele, por assim dizer, sobrecarregado pela proximidade de A devido a esse apego unilateral, mas sincero?”

“Essa”, disse o guia, “é uma pergunta muito boa, mas a palavra ‘amor’ é uma das mais mal utilizadas no vosso mundo. Ouço-as, por vezes, dizer: ‘Ah, dá o meu amor a fulano’, a quem na realidade detestam profundamente; muitos outros, talvez levados pela paixão ou, sejamos francos, pela atração física, pensam que essa atração é amor.

“Primeiro, sejamos claros: o verdadeiro amor é o amor do altruísmo; o amor que nada procura para si mesmo e que, na sua forma mais elevada, abrange toda a humanidade. Não sois uma alma evoluída até que possais dizer, porque o acreditais, ‘Amo toda a humanidade.’

“Esse é um ideal, e o vosso mundo está ainda muito longe dele. Mas existe o amor, o inegável amor, entre o homem e a mulher que são complementares um ao outro, isto é, são dois em forma, mas um em propósito – harmonizam-se, são, na verdade, como o vosso poeta expressou, ‘Dois corações que batem como um só.’ Agora, onde esse amor se encontrou, nunca há separação. Aqueles que a lei natural uniu pelo amor nunca podem ser separados, nem no vosso mundo nem no meu.

“Onde há esse amor – e aqui receio ser controverso –, ele é sempre correspondido. Há aspetos de afeto, de devoção, de desejo de servir, de instintos maternos, que se acreditam ser amor, mas o verdadeiro amor, aquele que vem apenas uma vez a cada homem ou mulher, seja na Terra ou no mundo do espírito, é sempre recíproco. O problema não se coloca, pois, no nosso mundo, a seu tempo, cada um encontra a metade do seu próprio ser.”

Um membro do círculo perguntou: “Ambas as pessoas têm consciência, ao mesmo tempo, de que se trata de um amor correspondido?”

“Não necessariamente na Terra, mas estão no mundo do espírito”, foi a resposta.

“Um dos dois pode ter consciência disso antes do outro”, sugeriu-se a Silver Birch.

Ele respondeu: “Mas as duas metades intuitivamente, porque são duas metades, devem reconhecer-se uma à outra. Isso nem sempre acontece no vosso mundo porque a vossa visão, no que diz respeito às coisas do espírito, é frequentemente cega.”

“As coisas físicas poderiam impedir isso”, disse alguém.

“Sim, as circunstâncias físicas”, concordou Silver Birch, “mas o verdadeiro amor é tão magnético, tão avassalador na sua atração, que deve encontrar-se e afirmar-se, uma vez que vos tendes libertado das imperfeições da Terra que eram os obstáculos ao reconhecimento.

“O amor assume muitas formas, que vão da amizade fundada na atração simpática e no interesse mútuo, até às alturas supremas onde, sem qualquer pensamento de si mesmo, procura servir onde quer que possa”, disse Silver Birch, em resposta a alguém que lhe pediu a definição de amor. “O amor é uma palavra mal usada no vosso mundo”, prosseguiu o guia. “Muitas vezes, aqueles que a utilizam não querem dizer amor de todo. É confundido com as atividades dos sentidos quando só existe o desejo de satisfazer certos instintos. Mas o amor, tal como eu o entendo, é uma parte do espírito a agitar-se no interior, procurando expressão quando reconhece a sua afinidade com o seu criador divino.

“O maior amor é o amor que não contém vestígio de egoísmo, que não procura de forma alguma realizar qualquer ação porque trará alguma satisfação ao indivíduo. Esse é o amor humano no seu maior aspeto. É o espírito que inspirou todos os que desejaram elevar a humanidade, ajudar os necessitados, amparar os fracos, combater os interesses instalados que impedem os desafortunados de extrair a beleza que a vida lhes poderia oferecer.

“Todos aqueles que, nas suas próprias terras e em terras estrangeiras, procuraram, com motivo altruísta, elevar o padrão da humanidade, torná-la consciente das suas infinitas potencialidades, estão a manifestar o amor na sua forma mais elevada. Existem graus – quando o mesmo espírito anima um homem ou uma mulher a servir o objeto do seu afeto. Isso não precisa de ser egoísta; pode ser altruísta.

“E há o amor do tipo mais baixo, o amor que é restrito, que deseja proteger e ajudar apenas aqueles por quem sente atração e que não sente piedade, nem misericórdia, nem simpatia, nem compaixão pelos estranhos. O amor divino abrange o universo. É o amor que lhe deu forma, é o amor que regulou a sua evolução, é o amor que faz parte da beneficência divina, é o amor que move todos aqueles seres espirituais avançados que, renunciando a tudo o que conquistaram com a sua realização, regressam ao vosso mundo frio, cinzento, inóspito, para dar serviço aos que dele necessitam.”

CAPÍTULO QUATRO

VERDADE ETERNA

As simples verdades que ensinamos são, de facto, verdades que são eternas. Estas verdades do espírito destinam-se a libertar o vosso mundo, ensinando o homem a libertar-se a si mesmo.

“Sempre começamos pelo indivíduo, a unidade que, quando multiplicada por milhões, constitui o mundo em que viveis. É um processo muito lento e árduo, iluminar um por um, mas não poderia ser feito de outra forma. A conversão em massa falha sempre. Quando o feitiço hipnótico é quebrado e as emoções regressam ao normal, tudo é esquecido. E, de facto, talvez aqueles que experimentaram esses apelos exaltados aos seus sentidos sintam, às vezes, um pouco de vergonha.

“E assim, apesar de toda a oposição e hostilidade e antagonismo, continuamos a trabalhar, reiterando as simples verdades que no fim hão de prevalecer, sabendo que, tal como pequenas gotas de água acabam por desgastar a pedra, um a um a luz chega e a verdade é abraçada. Onde ela é compreendida e apreciada em toda a plenitude das suas implicações, aí se encontra uma alma que nunca olhará para trás, que nunca se arrependerá de dizer adeus às amarras que o prenderam durante demasiado tempo. Saíste das trevas para a luz.”

É em tão bela prosa que Silver Birch aborda o assunto mais complexo e enigmático que alguma vez confundiu as mentes de filósofos e sacerdotes – o da verdade. Quem pode negar que aqui, nas frases de um guia espiritual, se encontra uma interpretação da verdade que, pela análise lógica do termo e pela consciência do seu imenso significado espiritual como valor na formação da conduta humana, poucas vezes terá sido igualada?

“Quando sois crianças, sois ensinados de acordo com a vossa capacidade de assimilação”, explicou Silver Birch. “Começais com as letras do vosso alfabeto e, à medida que a mente cresce, aprendeis a formar palavras e a ler. Gradualmente, o conhecimento contido na palavra impressa torna-se acessível. Quanto à quantidade de conhecimento que recebeis, isso depende única e exclusivamente da vossa capacidade de o apreciar. Há uma infinidade de sabedoria, plano sobre plano sobre plano, mas só pode tornar-se disponível para vós à medida que estais mental e espiritualmente preparados para a receber.

“Mas nenhum conhecimento altera a verdade. Não há sabedoria que, de algum modo, altere a verdade de qualquer ensinamento. Se foi verdade no passado, é verdade hoje e será verdade amanhã. A verdade é constante e eterna. Podeis

acrescentar sabedoria, podeis acrescentar conhecimento, mas não podeis trazer uma nova verdade. O vosso mundo tem toda a verdade de que necessita para o seu propósito essencial – as verdades fundamentais da bondade, do serviço, do amor. Sabe o que deve fazer para ter um mundo melhor.

“Tudo o que é necessário para o vosso crescimento, progresso, desenvolvimento, evolução foi dado a conhecer ao longo de todas as gerações. Se o homem seguisse a verdade que lhe foi revelada, poderia alcançar aqui e agora, na Terra, muito mais da divindade que existe dentro dele do que alguma vez se manifestou.

“Todos os grandes mestres, os instrumentos do espírito que acrescentaram brilho ao mundo, ensinaram verdades que eram semelhantes na sua base. Cada um veio revelar a natureza espiritual do homem, chamar a atenção para as qualidades eternas possuídas por todo o ser humano. Cada um ensinou acerca da alma infinita, da centelha divina, da parte do Grande Espírito residente em toda a vida humana.

“Cada um ensinou esses princípios que, se adotados e seguidos, permitiriam a essa alma ter uma maior expressão. Cada um deixou claro que viver de acordo com ideais espirituais baniria do vosso mundo todos os miseráveis fantasmas que o assombram, todos os medos e misérias e tristezas que o afligiram desnecessariamente durante demasiado tempo.

“Ama o teu próximo como a ti mesmo, presta serviço a quem dele precisa, ajuda o cansado e o sedento, cura o doente, conforta o que chora, visita os que estão em aflição – estas são as verdades ensinadas há muito tempo. Se o homem as praticasse, poderia transformar todo o seu mundo e tornar impossível que a guerra, com todos os seus horrores hediondos, lhe fosse novamente imposta.

“Deixa-me deixar claro qual é a nossa atitude. É que o homem tem ao seu dispor tudo o que é necessário para o seu crescimento e para o seu equipamento espiritual. Há muitos livros sagrados, houve muitos mestres, muitos homens e mulheres inspirados que tiveram vislumbres da vida interior e cada um, à sua maneira, interpretou o que viu. Mas, infelizmente, a simples verdade que foi revelada dos planos superiores da vida foi encoberta.

“Os homens construíram sobre ela edifícios de doutrina, de dogma, de credo, de ritual, de cerimónia. Uma verdadeira muralha de teologia foi erguida sobre os alicerces da simples verdade espiritual até que, agora, os alicerces estão completamente esquecidos. Assim é que constantemente procurámos instrumentos através dos quais a mensagem do espírito pudesse ser dada em

toda a sua beleza primitiva, em toda a qualidade da sua simplicidade, radiante porque é despojada.

“Não nos preocupamos com sistemas de crença criados pelas mentes dos homens; preocupamo-nos com as verdades do espírito, tal como foram reveladas no mundo do espírito, onde não somos confrontados com as ilusões da vossa vida terrena. É porque vimos tantos destroços humanos, tantos naufragos humanos a chegar ao nosso mundo, é porque vimos a transição de tantos milhares completamente despreparados de todas as maneiras para a vida que os aguardava, ignorantes, cheios de equívocos, cheios de preconceitos, que decidimos que seria muito mais simples se o homem, ainda na Terra, pudesse ter no seu meio a simples verdade que o prepararia para essa vida que um dia será a sua realidade permanente.

“E assim declaramos guerra constante contra todos esses sistemas e organizações, contra todas essas crenças que se interpõem no caminho, contra todos os obstáculos desnecessariamente criados, contra todas as superstições que confundem e obscurecem a mente, para que todos os filhos do Grande Espírito possam ter ao seu dispor as verdades eternas que lhes permitirão viver as suas vidas como o Grande Espírito tencionou que vivessem.

“Não importa o que os outros dizem, esquece todas as condenações e todas as denúncias. Estas são as simples verdades do espírito que perdurarão para sempre. Resistirão a todas as provas que a razão exigir. Não rebaixarão a vossa inteligência. São simples, tão simples, que podem ser apreendidas e compreendidas por qualquer indivíduo comum. Estas são as verdades que prevalecerão muito depois de todo o sacerdócio ter falhado completamente – simples, eternas verdades do espírito, fundadas nas leis eternas e naturais.

“Não necessitamos de papas, nem de arcebispos, nem de padres, nem de pastores, nem de igrejas, nem de templos, nem de sinagogas. Não construímos nenhum sistema de teologia. Enunciamos simples verdades e estamos determinados a que, dados os instrumentos, essas verdades continuem a permear todas as formas de sociedade, para que todos os homens possam ser livres em corpo, mente e espírito, e nunca mais venham a ser servos a viver em escravidão. As trevas da ignorância terão desaparecido e a luz, a luz resplandecente da verdade, reinará no seu lugar.”

A simples verdade sobre nós mesmos... quantos de nós a conhecemos realmente? Há, sem dúvida, aqueles que pensam possuir uma visão mais penetrante do caráter e da personalidade dos outros do que são capazes de dirigir sobre si próprios. Sentem-se qualificados para julgar uns aos outros. “Já

era tempo de ele perceber... Quando é que ele vai aprender?... Se ao menos pudesse ver-se como os outros o veem...” Todos conhecemos os clichés daqueles que sabem a simples verdade sobre toda a gente menos sobre si próprios.

Depois surge alguém que, em estatura espiritual e pertinência de comentário, se destaca entre os seus semelhantes e impõe respeito. Quando uma pessoa assim fala, podemos estar certos de que o que tem a dizer sobre o nosso verdadeiro eu é eternamente apropriado. Tal homem foi Sócrates, tal homem foi Jesus, e tal homem é Silver Birch. Este habitante de outro mundo, assumindo o corpo e usando as cordas vocais de um médium londrino, rompe todas as barreiras do mediunismo e da linguagem e, em palavras memoráveis e sem esforço, declara:

“O que posso fazer é recordar-vos os princípios eternos, infalíveis. Quando tudo o mais no mundo da matéria tiver sido compreendido, explorado e explicado, restarão ainda as leis naturais do Grande Espírito que nenhum homem jamais explorou ou explicou completamente. São infinitas na sua conceção e na sua aplicação. Se todos vós, confrontados como estais diariamente com acontecimentos que vos exigem decisões, pudésseis recordar que sois seres espirituais e que o que importa não é o que acontece materialmente, embora isso tenha o seu lugar, mas o que acontece convosco espiritualmente, com a vossa natureza, a vossa natureza eterna.

“Todas as coisas da matéria desaparecerão e serão absorvidas no pó de que é feito o mundo terreno. Ambições, desejos, a aquisição de riquezas, tudo isso não conta, mas permanecereis sempre como seres espirituais, e a vossa riqueza será apenas aquilo que se encontra contido na vossa própria natureza, nem mais nem menos. Essa é a lição a ser aprendida em toda a vida terrena. Se a aprenderdes, sereis sábios porque vos encontrastes a vós mesmos e, tendo-vos encontrado, tereis encontrado o Grande Espírito.

“Vejo tantos no vosso mundo, frenéticos, desesperados, sem saber para onde se virar, correndo de um lado para o outro sem tempo a perder porque tantas coisas ‘importantes’ têm de ser feitas, e, no entanto, a mais importante de todas é negligenciada e esquecida. Não é esta a lição de todo o nosso ensinamento? Não é este o propósito do regresso de todos os seres do nosso mundo, para que possais retirar das vossas vidas a alegria, a satisfação que deveriam ser vossas como filhos do Grande Espírito?

“Isso é mais importante do que aquilo a que chamam religião, ou igrejas, ou credos, ou doutrinas, mais importante do que todas as coisas que dividiram a humanidade e causaram guerra e caos e confusão. É apenas a simples verdade

acerca da sua própria natureza. E, no entanto, pertence a poucos e não a muitos.”

CAPÍTULO CINCO

O PLANO DIVINO

A comunicação espiritual por seres como Silver Birch não é um acontecimento esporádico, desorganizado. Há um plano por detrás de tudo isso que, quando descrito pelo guia, como neste capítulo, constitui uma leitura fascinante.

“O nosso trabalho é dar aquilo que tem um propósito, um significado, de modo que, ao demonstrar a existência da lei, também permita que se dê conforto e que o conhecimento se espalhe. O nosso trabalho não é apenas revelar a existência de leis para além do físico, mas revelar as verdades do espírito.

“Temos de enfrentar um gigantesco sistema de falsificações. Temos de desfazer o trabalho de séculos. Temos de destruir a superestrutura de falsidade que foi construída sobre os alicerces dos credos.

“Esforçamo-nos sempre por ensinar os filhos da matéria a serem livres e a banharem-se à luz da verdade espiritual, a libertarem-se da servidão da escravidão dogmática. Essa não é uma tarefa fácil, pois, uma vez que os ornamentos da religião vos dominaram, leva muito tempo até que a verdade espiritual consiga penetrar nessa muralha espessa de superstição.

“Esforçamo-nos sempre por revelar o significado religioso da verdade espiritual, pois, quando o vosso mundo compreender o seu valor espiritual, haverá uma revolução mais poderosa do que todas as revoluções de guerra e sangue.

“Será uma revolução da alma e, em todo o mundo, as pessoas reclamarão aquilo que lhes é devido – o direito de gozar plenamente das liberdades do espírito. Desaparecerá toda a restrição que lhes colocou grilhões.

“A nossa lealdade não é a um Credo, nem a um Livro, nem a uma Igreja, mas ao Grande Espírito da vida e às Suas leis eternas e naturais.

“Um grande poder do espírito descerá ao vosso mundo de matéria. Em todos os países será sentida uma poderosa força do espírito, pois há um grande trabalho a realizar para contrariar o egoísmo e a ignorância do vosso mundo. A seu tempo, ele vencerá, mas, no processo, haverá muito sofrimento.

“Muitos trabalhadores vieram para tomar posição ao vosso lado. Há aqueles que vos são conhecidos, aqueles que estão ligados a vós por laços de sangue, e

outros que são atraídos para vos servir pelo amor que vos têm. Quando pensais naqueles cujos nomes conheceis, tentai perceber a incontável multidão dos desconhecidos que servem sem qualquer desejo de serem conhecidos ou reconhecidos, mas que oferecem o seu poder para ser usado.

“O mundo não será convertido num clarão ofuscante, como Saulo no caminho de Damasco. Gradualmente, a luz das verdades espirituais surgirá, à medida que mais pessoas se tornam conscientes do grande conhecimento e mais instrumentos ficam disponíveis para que o poder do Grande Espírito Branco possa atuar. Lembrai-vos de que as coisas do espírito exigem cultivo e progresso cuidadosos. Conversões súbitas não seriam duradouras, e o nosso trabalho pretende ser permanente.

“Cada alma que se torna um instrumento do Grande Espírito, cada alma que sai das trevas para a luz, da ignorância para o conhecimento, da superstição para a verdade, está a ajudar a fazer avançar o mundo, pois cada uma dessas é um prego cravado no caixão do materialismo do mundo.

“O que todos vós deveis aprender é que há duas formas de desenvolvimento. Podeis desenvolver aquilo que é da alma e podeis desenvolver aquilo que é do espírito. Um é o desenvolvimento apenas da faculdade psíquica, e o outro é o crescimento da alma.

“Quando tendes o desenvolvimento do psíquico sem o espiritual, aí tendes um baixo plano de vibração. Quando conseguis uma combinação de ambos, então tendes não apenas um grande médium, mas um grande homem ou mulher.

“Que mensagem gloriosa temos para o vosso mundo de matéria – uma mensagem que liberta os homens e os ensina a rejubilar com a sua herança divina; uma mensagem que os ensina a lançar fora todos os grilhões e amarras; uma mensagem que os ensina a rejubilar na plenitude do conhecimento espiritual; uma mensagem que lhes mostra como viver não só nos planos da matéria, mas também nos planos do espírito; uma mensagem que lhes traz beleza, amor e sabedoria, compreensão, verdade e felicidade; uma mensagem que fala de serviço, serviço, serviço.

“E, no entanto, somos negados por aqueles que não compreendem a revelação do Grande Espírito e que negam o espírito, como o poder do espírito foi negado em todos os tempos.

“O trabalho que fazemos torna-se cada vez mais necessário. O vosso mundo está cheio de derramamento de sangue, lágrimas de miséria e amargura. Na sua cegueira, o vosso mundo não quer viver de acordo com as leis do Grande

Espírito. Escolheu o caminho que conduz às trevas e ao desespero. Oferecemos o conhecimento que conduz à esperança, à luz, à paz e à harmonia. O vosso mundo pode desprezar-nos, na sua ignorância. Pode rejeitar a mensagem que trazemos. Pode negar o poder que nos acompanha. Mas a nossa grande verdade há de prevalecer, pois é do Grande Espírito.

“Aqueles que procuram viver contra a lei colhem para si os resultados de uma amarga colheita. Aqueles que vivem com a lei colhem uma colheita de felicidade e abundância, nas coisas da matéria e nas coisas do espírito.

“Em meio a toda a escuridão que prevalece, não abandoneis a esperança, mas sede firmes no conhecimento de que aqueles que trabalham convosco pela elevação da humanidade, que se esforçam por trazer melhores condições ao vosso mundo de matéria, hão de vencer, pois o poder que está do seu lado é o poder mais poderoso do universo.

“Não alcançareis aquilo que vale a pena alcançar sem sofrimento, sem dor. O vosso mundo deve aprender as suas lições da única maneira que pode aprendê-las. Estamos a abrir caminho por todo o mundo da matéria. A nossa mensagem ilumina mentes em todas as partes do vosso mundo e, à medida que a luz do espírito irrompe no vosso mundo, assim os seus raios dispersam a escuridão do vosso materialismo.

“Não procuramos aterrorizar-vos com ameaças de castigo. Não procuramos fazer de vós cobardes, vivendo as vossas vidas por medo. Procuramos fazer-vos compreender a divindade latente que é vossa, para que possais expressar mais do Grande Espírito, para que possais elevar-vos a maiores alturas e encher as vossas mentes com maior verdade e sabedoria.

“Exortamo-los a estardes insatisfeitos com o que já recebestes, porque só através da insatisfação e do desejo de ir mais além pode chegar maior conhecimento. Quem está satisfeito estagna; quem está insatisfeito luta por maior liberdade.

“Nunca vos dizemos: ‘Não useis a vossa razão, tende apenas fé.’ Dizemos: ‘Usai aquilo que o Grande Espírito vos deu. Ponde-nos à prova. Examinai-nos. Se algo do que dizemos é degradante, cruel ou imoral, então rejeitai-nos.’

“Se procuramos sempre ensinar-vos a viver vidas mais nobres, vidas de maior autossacrifício e de idealismo, então isso demonstra, sem dúvida, que o selo do Grande Espírito está estampado no nosso ensino.

“Se erguermos uma alma, se dermos conforto a alguém que chora, se dermos esperança a alguém sem coragem, se dermos força a alguém cansado, então não terá valido a pena?

“Pensai nos muitos que a nossa mensagem perturba, que deixa perplexos, que confunde, que, presos a um credo, não conseguem libertar-se – e, no entanto, ouvem a voz da liberdade a chamar as suas almas aprisionadas e as suas mentes lutam por se libertar.

“São eles os destinatários da mensagem, aqueles a quem ela chega como incentivo para alcançar o que antes era inatingível. Toda a verdade não é mais do que uma pedra de passagem.

“Se ouvirdes através dos lábios do médium por quem me dirijo a vós algo que faça a vossa razão revoltar-se, algo que contradiga o amor do Grande Espírito, algo tolo, algo que seja um insulto à vossa inteligência, então sabeis que o meu tempo terminou e que falhei.

“Embora vos tenha falado muitas, muitas vezes, não creio que alguma vez tenha dito algo contrário às mais elevadas aspirações da alma. Pois o nosso apelo é sempre ao mais elevado que há em vós.

“O mundo deve aprender a realizar a sua própria salvação. Não há plano pronto. Não há sistema preparado, fixo e acabado. O vosso mundo tem de aprender que, por detrás do que considera as manifestações da vida, existe a realidade eterna do espírito, que os filhos da matéria não são apenas seres mundanos, mas seres espirituais a expressar-se através de corpos de matéria.

“Os corpos de matéria devem ser tão perfeitos quanto possam ser tornados, tendo livremente à sua disposição todas as necessidades da vida, tal como o Grande Espírito os quis. Depois, os seus espíritos devem ser libertos de todos os entraves dogmáticos e de credos, para que não deem lealdade a coisas que não têm valor real nem espiritual, para que trabalhem apenas pelo que é verdadeiro, para que as disputas e as contendas e os conflitos sobre credos e dogmas, que mantiveram o vosso mundo acorrentado durante milhares de anos, possam ser abolidos.”

“Pregamos o evangelho da fraternidade espiritual de todos os povos, com o Grande Espírito Branco como Pai comum. O que se interpõe é a concepção terrena, as igrejas construídas sobre o erro, a usurpação de privilégios, o orgulho e o poder dos tiranos, tiranetes que empunham o látigo.

“À medida que o nosso ensinamento cresce no vosso mundo, significará o fim de toda a separação entre os povos. Significará o fim das barreiras nacionais.

Significará o fim das distinções de raça, de classe, de cor e de todas as distinções entre igrejas e capelas, templos, mesquitas e sinagogas, pois, gradualmente, todos aprenderão que possuem uma parte da verdade do Grande Espírito e que a parte consagrada no coração de cada outra religião em nada contradiz a porção que lhes é preciosa.

“Assim, da aparente confusão, o desígnio divino tomará forma e virão a harmonia e a paz. Digo-vos estas coisas para que possais compreender parte do grande plano, a parte que nós, que regressamos do mundo do espírito, desempenhamos nele, e a parte que cada um de vós deve desempenhar antes de o vosso percurso terreno terminar.

“O que pregamos enquadra-se em todas as ideias nobres e elevadas que surgiram à visão de todos os reformadores, de todos os santos, de todos os videntes e de todos os idealistas que, em todas as épocas, se esforçaram por servir. Porque eram grandes almas, os seus olhos espirituais colheram vislumbres da vida que poderia ser, e essa visão de beleza sustentou-os em todas as suas adversidades e lutas. Compreenderam o plano do espírito que, um dia, será posto em prática e, por isso, esforçaram-se por elevar os filhos da matéria, por servir.

“Embora tivessem sido vilipendiados, embora tivessem sido contrariados e ridicularizados por aqueles a quem vieram ajudar, o seu trabalho perdurou, tal como o trabalho que está a ser realizado hoje em inúmeros pequenos templos, como este, perdurará, embora muitas das pessoas sejam esquecidas. O poderoso poder do espírito foi lançado, uma vez mais, no vosso mundo de matéria, e os filhos da matéria não possuem o poder de sustentar essa poderosa maré.

“O vosso mundo julga resolver os seus problemas através do derramamento de sangue. Mas problema algum foi alguma vez resolvido desse modo, pois o derramamento de sangue é desnecessário e não conduz a parte alguma. Porque não podem usar a razão que o Grande Espírito lhes deu? Porque pensam que a sua única solução tem de ser matar o maior número possível, que aquele que é o maior matador é considerado o vencedor? É um mundo estranho em que viveis.

“O vosso mundo precisa da nossa mensagem, da mensagem do espírito, da realização das verdades espirituais, do conhecimento de que existem leis espirituais e orientação tanto de cima como de dentro, para que, na sua perplexidade, aprenda para onde se virar para encontrar conforto, orientação e ajuda.

“Nada buscamos para nós. Não queremos glória. Temos simplesmente o desejo de servir, de voltar a revelar as leis que foram esquecidas, para que o mundo da matéria possa redescobrir esses poderes do espírito que lhe podem trazer nova esperança e nova vida.

“Na vossa perplexidade, quando todos os velhos padrões estão a ser descartados, quando todas as autoridades estão a ser questionadas e o seu poder a definhar, procuramos revelar o Grande Espírito, a Autoridade suprema, através das Suas leis que nunca falham e nunca erram. Se o mundo da matéria aprender a ordenar a sua vida de acordo com essas leis, a paz e a concórdia reinarão uma vez mais.

“Estas coisas fazem parte da grande missão que todos temos de cumprir, para que, no meio das ruínas desmoronadas das crenças descartadas, a humanidade não rejeite tudo por causa da sua dúvida e ceticismo, mas aprenda a separar o trigo do joio, o facto do mito, e a conservar aquilo que é precioso, que está consagrado em todas as religiões, as grandes verdades do espírito, há muito recobertas pelas imaginações dos filhos da matéria.

“O poder do espírito – que inspirou aqueles dos tempos idos, que lhes deu visão e coragem, entusiasmo e desejo de servir – está disponível hoje se os filhos da matéria aprenderem a procurá-lo na operação dessas leis que têm ao seu dispor.

“A autoridade das Igrejas, dos livros, dos credos, tudo isso está a definhar. Estão a ser gradualmente descartados. Mas a autoridade das verdades espirituais permanece para sempre. Quando regresso ao vosso mundo, vejo a confusão e o caos e percebo que poderiam ser dissipados se a luz límpida do espírito fosse autorizada a penetrar, se, em vez de apenas uma frincha, pudesse haver um forte raio iluminador.

“Porque preferem as trevas quando poderiam ter a luz? Porque preferem a ignorância quando poderiam ter o conhecimento? Porque preferem a superstição quando poderiam ter a sabedoria? Porque preferem os ossos mortos de um credo quando poderiam ter a verdade viva do espírito? Porque preferem o pó da teologia quando poderiam ter as águas da sabedoria espiritual?

“Há almas a tatear cegamente em trevas autoimpostas, acorrentadas quando poderiam ser livres, servis quando poderiam facilmente ser homens de liberdade. Mas receio que tenham usado as suas correntes durante tanto tempo que têm medo de as deitar fora. Um pássaro que fica numa gaiola por muito tempo tem receio de que não consiga voar quando é libertado.

“É bom quando atiram fora os seus grilhões, mas precisam de algum caminho que possam trilhar. Não queremos que fiquem desamparados, sem sinal. Queremos que sejam livres, mas queremos que saibam para onde os levará a sua liberdade.

“Quando estivestes em cativeiro durante muito tempo, há na liberdade recém-achada a tendência para não ouvirdes qualquer orientação que vos chegue. Dizeis: ‘Já tive bastante disto tudo. Tive anos de dúvida e perplexidade. Agora que o descartei, já não quero estar associado ao que se chama religião.’

“Por vezes, com o lançar fora dos grilhões, há uma reação violenta. Não quero que se preste demasiada atenção a mim, o indivíduo, o mensageiro. Só me preocupa a mensagem. O vosso mundo preocupou-se durante demasiado tempo com mestres, que engrandeceu até posições exageradas, e esqueceu aquilo que eles vieram ensinar.

“A nossa missão já não é exaltar homens e mulheres a altos lugares de autoridade, mas procurar revelar verdade, conhecimento e sabedoria. Que importa se sou um mestre de grande distinção ou um humilde mendigo, desde que o selo da verdade marque o que digo? O nosso apelo já não é a nomes e autoridades e livros, mas apenas à razão.

“Nada exigimos que seja contrário à vossa inteligência. Nada pregamos que possais dizer que é falso, indigno, ignóbil; que degrade a humanidade. Procuramos revelar o que elevará toda a raça humana e lhe dará uma verdadeira conceção da sua posição na vida e no universo, da sua relação com o Grande Espírito Branco e da compreensão da sua afinidade com os outros membros da vasta família humana no vosso mundo.

“Já não recorreremos a livros ou mestres ou autoridades, mas apenas à razão divina, e é a ela que apelamos. A nossa verdade não se difundirá pela citação de um texto dito carimbado com autoridade divina. Se violar a razão, então rejeitai o que dizemos. Mas vereis que apelamos aos mais altos e melhores instintos, que apenas procuramos varrer velhas falsidades e trazer a grande verdade que o homem prezará. Aquilo a que o vosso mundo chama religião tem de assentar na verdade, e deveis procurar descartar tudo o que não resista ao assalto da razão.

“Esforçamo-nos por revelar estas verdades, não apenas como são conhecidas na sua relação com as leis do espírito, mas também com as leis da matéria, pois para nós o mundo da matéria faz parte do universo do Grande Espírito, e não podeis ser ‘religiosos’ se sois indiferentes aos sofrimentos da humanidade desesperada. Aqueles que servem são, para nós, tidos como os grandes, e o

serviço que prestam não se limita a ajudar a alma a encontrar a verdade, pois há outro serviço a prestar.

“Há o serviço de libertar corpos pobres e atormentados da dor, o serviço de combater a injustiça e a tirania, o serviço de combater o ódio, o serviço de preservar a liberdade e o serviço de abolir os males do vosso mundo e dar ao espírito no homem a oportunidade de se exprimir como o Grande Espírito deseja que se exprima.

“Lamento que os filhos do Grande Espírito se tenham afastado tanto das coisas do espírito que seja preciso um toque numa mesa para os levar a compreender as Suas leis.

“Todos vós sois partes do Grande Espírito. Ele diz-vos: ‘Aqui estão todas as minhas leis e, aqui, em vós, está uma parte de mim. Ao vosso lado está tudo o que pode ser usado para fazer um universo perfeito. Dou-vos todas as ferramentas e podeis escolher entre as coisas que são certas e as que são erradas. Podeis tentar trabalhar com as minhas leis ou contra elas.’

“As crianças escolheram. Mas, sempre, aqueles que são os mestres no mundo do espírito têm de assegurar que encarnem na matéria homens que estejam tão sintonizados com as vibrações do Grande Espírito que, através deles, a Sua obra possa prosseguir. Tão longe se afastaram as crianças que estão cegas para as coisas do espírito e só compreendem as coisas da matéria.

“Mas, depois de as tempestades e o vento terem varrido o mundo, chega sempre a vida nova da primavera. Quando a neve cobre o chão e tudo parece muito desolado, não conseguis ver a frescura da primavera. Mas ela chega.

“E, gradualmente, à medida que o grande sol da vida percorre os céus do Grande Espírito, assim a majestade da vida atinge o seu máximo. Em todo o mundo da matéria há uma grande nuvem de descontentamento. Chegará a primavera dos sonhos e o verão do cumprimento.

“Virá depressa ou devagar, conforme os filhos do Grande Espírito exerçam o seu livre-arbítrio. Mas onde quer que, no mundo da matéria, um homem se esforce por elevar outro homem, atrás dele há mil espíritos que procuram tornar a sua vitória maior. Esforço algum pelo bem pode alguma vez perder-se. Nenhum desejo de servir pode alguma vez ser desperdiçado.

“Tem de haver um pioneiro que abra caminho através da floresta e torne o trilho um pouco mais fácil para os que seguem. Gradualmente, o trilho é calcado e fica liso.

“Por vezes vejo os muitos mestres do meu mundo, com lágrimas nos olhos, a olhar para as loucuras daqueles que, um dia, hão de perceber como desperdiçaram as grandes oportunidades que tiveram de elevar os filhos da Terra. E, por vezes, vejo os seus rostos cobertos de sorrisos porque, no vosso mundo, algum homem desconhecido prestou um serviço que acende uma nova tocha de esperança no mundo.

“Eu, como muitos outros, aproximei-me mais das vibrações da Terra para ajudar a impulsionar esse grande novo mundo que espera mesmo ali ao virar da esquina. Venho ensinar-vos as leis do Grande Espírito e mostrar-vos como, se viverdes de acordo com elas, a generosidade do Grande Espírito pode ser vertida nos vossos corações e mentes.

“Eu só vejo um mundo cheio de tristeza que deveria estar cheio de felicidade, trevas”

“onde deveria haver luz, fome onde deveria haver abundância. Vejo que o Grande Espírito providenciou tudo e, no entanto, há quem esteja a impedir a sua distribuição. Há obstáculos que têm de ser varridos.

“Eu não o posso fazer. Nem sequer posso criticar. Só vos posso dizer como a lei pode funcionar se vós, que ainda estais encerrados na matéria, permitirdes que ela atue através de vós. Aqueles que o fizerem devem apontar o dedo do escárnio às coisas da Terra e mostrar os remédios do Grande Espírito.

“Mostrai, nas vossas próprias vidas, que conheceis as coisas do espírito, porque o poder do espírito está em vós. Se, entre nós, conseguirmos, num caso, levar felicidade onde havia infelicidade, conhecimento onde havia ignorância, então, pelo menos, teremos prestado algum serviço. Não procuramos retirar-vos as responsabilidades das vossas próprias vidas, mas apenas tentar inspirar-vos a viver de tal modo que os homens saibam que o Grande Espírito está a operar através de vós.

“Entristece-me, às vezes, ouvir as pessoas dizer: ‘Oh, sim, damos-lhes pão, mas primeiro têm de agradecer ao Grande Espírito.’ Porque não dar o pão e não se preocupar se agradecem ao Grande Espírito ou não? Se um homem tem fome, porque não lhe dar pão? Ou dizem: ‘Podes dormir aqui, mas tens de rezar.’

“Vós, que possuís este conhecimento do Espiritualismo, já tentastes fazer um balanço? Tendes algo que o vosso mundo não pode medir. Tendes o conhecimento inestimável das verdades do Grande Espírito. Tendes a consciência de que a vossa alma está ligada à Sua grande alma. Tendes o conhecimento de que sois uma parte do Grande Espírito. Aprendestes a

responder às vibrações dos mensageiros que o Grande Espírito envia para velar por vós.

“Comparadas com estas coisas, as coisas da matéria são meros bibelôs. Vivereis por muitos milhares de anos. Descobrireis que o conhecimento que adquiristes aqui e a sabedoria que aprendestes têm mais valor para a vida da vossa alma imortal do que as poucas coisas que o corpo de matéria procura no mundo da matéria.

“Não julgueis nada pelo resultado aparente. Vedes apenas com os olhos da matéria. Se pudésseis ver com os olhos do espírito, saberíeis que, com cada criança, há justiça perfeita. Por vezes eu escuto as vossas orações e, por vezes, as orações de outros. Penso que, se o Grande Espírito as atendesse todas, não ficaríeis felizes com o resultado.

“Falei com muitos que passaram do vosso mundo para o meu. Ainda não encontrei um que dissesse, quando viu com os olhos do espírito, que não foi bem servido pelo Grande Espírito.

“Há três grandes problemas no mundo da matéria. Um é a ignorância, outro é a dor e o terceiro é a pobreza. Estas três coisas tereis sempre até que o conhecimento do espírito se una à política e os filhos da Terra pensem e vivam como o novo conhecimento lhes mostra.

“Mas a maré da vitória continua a avançar. A velha ordem morre, dando lugar à nova. O novo mundo está a chegar. Mas não penseis que, por causa desta vitória, deixarão de existir lugares sombrios. Ainda haverá muito derramamento de lágrimas. Haverá muitos corações doridos. Há um grande sacrifício a fazer.

“Aquilo que é parte do Grande Espírito não pode ser alcançado sem sacrifício. Não podeis edificar sem primeiro derrubar. Em tempos de grande desastre material, as pessoas do vosso mundo começam a examinar os alicerces das coisas do espírito. Quando todas as coisas da matéria falham, procuram um caniço a que se agarrem e olham para os sistemas que foram postos à prova e se revelaram insuficientes.

“Então as verdades do espírito começam a emergir e começam a construir o seu novo mundo – um mundo onde as leis do Grande Espírito começam a desempenhar o seu papel adequado. Até o fazeres, haverá sempre grandes tribulações. O mundo nunca se tornará perfeito, porque, quanto mais perto da perfeição chegar, mais perceberá a perfeição que tem pela frente.”

CAPÍTULO SEIS

DEPOIS DE MORRERMOS

Numa noite, foi dada uma descrição do mundo espiritual e das condições das pessoas que nele vivem. Silver Birch disse, ao comentar a condição de alguém que tinha falecido recentemente, que a vida nas fases inferiores do outro mundo reproduzia em todos os pormenores as nossas vidas na Terra.

“Tenho dificuldade em compreender que o mundo astral seja idêntico a este mundo”, disse um participante.

“A próxima etapa de vida em relação à Terra é uma réplica do vosso mundo de matéria”, declarou Silver Birch. “Se não fosse assim, o choque para muitos, que são desinstruídos e ignorantes, seria mais do que poderiam suportar. E, por isso, tem de ser feito por etapas muito fáceis. A etapa seguinte da vida assemelha-se ao vosso mundo. É por isso que tantos não sabem que passaram além do físico.

“Aqui é, essencialmente, um mundo de pensamento, onde o pensamento é a realidade. E, sendo um mundo de pensamento, o pensamento molda toda a expressão da sua vida e da sua atividade. Por estar tão perto do vosso mundo, e por ser habitado por homens e mulheres que são naturalmente ainda muito materiais na sua visão da vida, a expressão do seu pensamento é muito grosseira e, assim, tudo quanto pensam é em termos de coisas físicas.

“Não conseguem conceber a vida separada dos seus aspetos físicos. Nunca filtrou na sua consciência qualquer compreensão de uma vida à parte do puramente físico. Não conseguem visualizar atividades espirituais e, porque não as conseguem visualizar, não têm lugar no seu esquema de coisas. Mas há graus de vida astral, pois, gradualmente, à medida que chega o despertar, a grosseria torna-se, lenta mas seguramente, mais refinada. E a vida, começam a ver, é algo para além do seu aspeto material. Quando a realização espiritual desponta, estão mortos para o mundo astral e começam a viver no mundo do espírito. Há muitas mortes e muitos nascimentos.”

“As experiências das pessoas no mundo astral são subjetivas ou objetivas?”, perguntou um participante.

“É uma vida objetiva, porque a vida no meu mundo é regulada por pessoas que habitam esse plano particular de expressão. À medida que avançais para além dele, deixá-lo-eis para trás. À medida que o espírito se qualifica, através do crescimento, do progresso e da evolução, assim naturalmente passa à etapa seguinte da vida espiritual. É muito objetiva no seu próprio campo de expressão.”

“Então não é um mundo de sonhos”, disse o participante.

“Quando o ultrapassam, é um mundo de sonhos”, disse Silver Birch. “Enquanto nele vivem, é um mundo real para eles. Chamais-lhes sonhos apenas por comparação. Não são sonhos quando os estais a sonhar. São sonhos quando acordais e, recordando a experiência, dizeis: ‘Foi um sonho.’ Assim, quando o espírito deixa as etapas inferiores do astral, recorda essas experiências e diz: ‘Foram sonhos.’ Mas quando as viveu, pertenciam à realidade.”

“Começamos todos a nossa vida no mundo espiritual nesse plano astral inferior?”, quis saber um participante.

“Oh, não, é para os desinstruídos e ignorantes”, disse o guia, “os que desconhecem a existência de realidades espirituais, que não conseguem visualizar nada para além do puramente físico. O mundo astral faz parte do mundo do espírito. É uma vida uma em muitos graus variados, desde os alcances inferiores até às fases mais elevadas. Não está dividido em compartimentos estanques. Temos de vos dar termos que possais compreender.”

Falando do crescimento no mundo espiritual, Silver Birch disse: “Não escalais de uma esfera para outra; cresceis, evoluís. O inferior cede lugar ao superior. ‘Morres’ e nasces de novo e de novo. Não perdes o corpo astral exatamente do mesmo modo que perdes o corpo material. Ele torna-se mais rarefeito, torna-se refinado, à medida que o inferior cai. Essa é a sua morte, pois morte significa realmente transformação, ressurreição, a ascensão do superior a partir do inferior. Sempre que tentamos explicar o nosso mundo do espírito, que está liberto das limitações do vosso mundo, com as suas restrições de tempo e espaço, encontramos sempre dificuldade. O inferior não consegue abarcar o superior, o finito não pode conter o infinito, o menor não pode comportar o maior, mas só esforçando-vos podereis aumentar a vossa capacidade de compreensão.”

“No mundo astral, conserva-se coisas como o coração e os batimentos do pulso?”, perguntou um participante noutra sessão.

“Se conservam esses órgãos depende do seu estado de consciência”, disse Silver Birch. “Se estão completamente ignorantes de uma vida após a vossa e não pensam que exista outro mundo, então têm uma réplica completa de tudo o que possuíam no mundo físico, e continuam todas as funções corporais em todos os seus detalhes – todas as funções.”

“E o que acontece na passagem de alguém que compreende o mundo do espírito?”, perguntou o participante.

“O corpo astral passa por um processo de rarefação”, respondeu o espírito. “À medida que ides percebendo que não há necessidade de certos órgãos, ides encontrando que eles se atrofiam e, no fim, desaparecem.”

“Isso acontece imediatamente após a passagem, ou é um processo gradual?”, quis saber um participante.

“Depende do estado da vossa consciência”, disse o guia. “Quanto mais elevada for a vossa consciência, menor a necessidade de ajustamento. Deveis lembrar sempre que o nosso é um mundo da mente, um mundo do espírito onde a consciência é soberana. A mente está entronizada e a mente governa. O que a mente dita é a realidade. Quando lestes sobre a aparência daqueles que vêm dos planos superiores, ou interiores, não verificais que são descritos como figuras resplandecentes a irradiar luz, em vez de terem forma? Isso deve-se a que a personalidade se foi. Deve-se a que há menos expressão corporal neles.”

“Que forma têm as inteligências superiores?”, perguntou um participante.

“Que forma tem a beleza?”, contrapôs o guia. “Que forma tem o amor? Que forma tem a luz?”

“A cor constitui a base do reconhecimento quando se vai para além da forma?”, perguntou outro participante.

“Sim”, disse o guia, “mas, enquanto vós sois regidos por certas cores primárias, nós temos outras gamas de cor para além da vossa compreensão. Podemos identificar alguns dos mestres superiores pelo fulgor da sua aparência, pela luz que acompanha a mensagem; porque, muitas vezes, não há forma de espécie alguma. Há um pensamento, acompanhado de radiância.”

A proximidade dos que estão no Outro Lado foi sublinhada quando Silver Birch mencionou muitos amigos e familiares falecidos dos participantes que lhe tinham pedido para transmitir mensagens.

“Procurai lembrar-vos de que todos eles são reais, seres humanos”, disse ele, “que estão tão interessados em vós como sempre estiveram. Embora não vos falem, e vós não os possais ouvir, eles estão aqui, cada um a esforçar-se por fazer o máximo para vos ajudar. Estão mais perto do que imaginais. Conhecem os vossos segredos, os desejos não expressos das vossas mentes, os vossos anseios, as vossas esperanças e os vossos medos. E, todo o tempo, exercem a sua influência sobre vós, para vos guiar, de modo a que possais extrair das vossas vidas terrenas as experiências tão necessárias ao crescimento das vossas almas. Não são seres vagos, sombrios, nebulosos, mas homens e mulheres reais,

que ainda vos amam e que, na realidade, estão mais próximos de vós do que alguma vez estiveram.”

“Como passam os mortos o seu tempo?”, foi perguntado a Silver Birch. “Têm tempo tal como nós temos, com horas de luz e de escuridão, ou é outro tipo de tempo? O que fazem? Trabalham ou estudam, ou divertem-se?”

O guia respondeu: “Isso já foi respondido muitas, muitas vezes. A questão do tempo é interessante porque não dependemos da vossa definição de tempo.

“A vossa é uma demarcação para efeitos de conveniência. Delimitastes certas passagens como minutos ou horas, ou segundos, ou dias, e tudo isso assenta na rotação da Terra e na sua relação com o Sol. Nós não temos noite e dia. A nossa fonte de luz não é a mesma que a vossa. Portanto, não temos tempo no sentido em que vós o tendes. A nossa medição do tempo depende do nosso estado espiritual, isto é, sentimos o tempo no sentido do desfrute. O tempo, para nós, é uma experiência mental.

“Nas esferas inferiores, onde a vida não é muito agradável, parece-lhes que passa muito tempo. Nas esferas superiores – e falo relativamente – onde há atividade muito mais afim, o tempo parece mais veloz, no sentido de que há sempre alguma nova fase de trabalho interessante. Mas não é repartido em horas, ou dias, ou meses, ou anos.

“Quanto à forma como trabalhamos, isso depende do indivíduo. Há muita atividade ligada à mente e ao espírito. A dificuldade do questionador está em compreender experiências espirituais em termos de medida física, mas existem amplíssimas e ilimitadas ocupações da mente e do espírito, culturais, educativas, com propósito, efetivas no seu efeito sobre o vosso mundo físico, que nos ocupam e envolvem durante tanto tempo quanto desejarmos estar assim ocupados.”

“Mas”, perguntou um participante, “coloca-se a questão – se quiserdes marcar algo com antecedência, como o fazem, se o tempo não tem o significado que tem aqui?”

“Quereis dizer”, perguntou o guia, “se eu desejasse encontrar-me com alguém? Então envio um pensamento e, se for conveniente, encontramo-nos. Não há cartas a escrever.”

“E se quisésseis combinar encontrar alguém a uma hora específica?”

“Não acontece dessa maneira”, foi a resposta. “Se desejam que eu assista a um grupo, o pedido é-me enviado mentalmente, eu recebo-o e vou. Não mo

enviariam agora, porque saberiam que, neste momento, estou a falar convosco. Não há agendas; é um mundo da mente e do espírito.”

Alguém no círculo perguntou se havia comboios no mundo espiritual, e o guia respondeu: “Não há comboios, a não ser que penseis que tendes um comboio a apanhar, e então há um comboio para vós apanhardes. É difícil de entender, não é? Mas é como um sonho. Se pensais que tendes um navio a apanhar, lá está o vosso navio.

“Mesmo nos vossos sonhos, pensais que tendes de ir num navio. O navio está lá porque vós o criais, e ele é real para vós. Povoai-lo e ele navega. Tem os assistentes necessários, não tem? É muito real no seu próprio plano de sensação. Tendes de recordar que ‘realidade’ é um termo relativo.”

“Já ouvi e li frequentemente sobre essas coisas”, disse um participante, “mas tenho de dizer que me é muito difícil apreciá-las.”

“É”, disse Silver Birch. “Mas, mesmo no vosso mundo, tendes a ilusão do tempo. Uma hora nem sempre é a mesma para vós; e cinco minutos podem, por vezes, parecer tão longos como uma hora. Esse é o aspeto mental. Se compreendêsseis que, no nosso mundo, o aspeto mental é a realidade, veríeis que estamos desligados do aspeto puramente mecânico do tempo tal como ele vos afeta. Penso que esta é a melhor forma de o expressar.”

Outra pergunta enviada foi: “Cada indivíduo tem uma casa própria?”

“Sim”, respondeu o guia, “têm casas próprias se as desejam, porque as desejam e as merecem. Mas alguns não desejam casas. Alguns preferem-nas construídas segundo os seus próprios estilos de arquitetura, alguns preferem incorporar ideias de iluminação que são, por exemplo, desconhecidas para vós. Isto é uma questão de gosto pessoal, dependente da capacidade criativa do espírito em causa.”

“Não disseste”, interveio um membro do círculo, “que a tua casa dependia do tipo de vida que tinhas vivido?”

“Eu disse”, prosseguiu Silver Birch, “se a desejas e a mereces. Mas, uma vez que a mereças, então o estilo é puramente uma questão de gosto. Se a quiseres aberta ao céu, podes tê-la. Deveis recordar que estas coisas são largamente controladas, durante muito tempo, pelo hábito individual. O hábito é um atributo mental e persiste depois da morte.

“As pessoas que viveram apenas neste país estão habituadas a certos estilos de casas e, assim, são esses os estilos em que vivem, porque é hábito fazê-lo.

Quando esgotam esse hábito, têm outros tipos de casas. Esta é uma disposição muito sábia que assegura continuidade; evita o choque e a vida torna-se mais suave e harmoniosa como resultado.”

Não há “parlamento” no mundo espiritual porque não há necessidade de fazer leis para regular a vida das pessoas que lá habitam, disse Silver Birch noutra sessão.

“A lei natural”, explicou o guia, “ocupa-se das pessoas no mundo do espírito porque elas a enfrentam numa forma que é inescapável. Já não têm corpos físicos; o problema da vida física não lhes diz respeito. Estão agora a exprimir-se em forma espiritual e a lei natural está em operação. Não há necessidade de qualquer intermediário.”

Perguntaram ao guia se existiam concertos, teatros e museus no mundo espiritual. Disse que os seus museus ficavam em salões ou edifícios de ensino, onde há coleções de vários tipos, de objetos relativos à vida terrena ao longo da história, e também coleções de formas interessantes de vida espiritual. Por exemplo, temos flores que não desabrocharam na Terra. Temos muitas outras fases de vida natural desconhecidas para vós. Existem exemplos delas nos salões de estudo.

“Há sempre concertos disponíveis porque há muitos músicos, muitos deles mestres, cujo desejo é que os seus talentos sejam apreciados pelo maior número possível. Teatros – há muitos e de vários tipos. Alguns são usados puramente para fins dramáticos, outros para fins culturais, e outros para fins educativos.

“Dons, talentos e faculdades que as pessoas tinham no vosso mundo não terminam com a morte. A morte traz-lhes maior liberdade e oportunidades ampliadas para exprimirem esses talentos.”

“Há jornais e rádio?”, foi a pergunta seguinte.

“Não, não temos rádio porque a comunicação é usada de forma diferente”, explicou Silver Birch. “A telepatia é o método comum de chegarmos uns aos outros. Mas é possível, para aqueles que sabem como, dirigirem-se a vastos números e alcançá-los, mesmo quando não estão presentes. Mas não funciona segundo o princípio do vosso rádio.

“Não há jornais no vosso sentido terreno, porque não há necessidade de cronicar acontecimentos, como vós o fazeis. A informação é constantemente difundida àqueles que a devem receber por aqueles cuja ocupação é espalhar esses factos. É difícil para vós compreenderdes isto.

“Quando é necessário que me seja dito algo que eu não saiba, o pensamento é-me enviado por quem considera que o devo saber. Há pessoas dedicadas à tarefa de disseminar esses pensamentos. São especialmente treinadas para isso.”

“O mesmo acontece connosco quando recebemos inspiração?”, perguntou um membro do círculo.

“É em escala diferente”, começou a resposta. “Quando recebeis inspiração é porque, consciente ou inconscientemente, estais sintonizados com alguma inteligência no nosso mundo e, por esse tempo, sois capazes de receber o seu poder, a sua inspiração ou a sua mensagem. Por vezes é consciente, por vezes é inconsciente. Depende das circunstâncias.

“Mas, na nossa vida, estamos constantemente a receber e a transmitir pensamentos. Aqueles que estão na nossa faixa espiritual, isto é, de mentalidade espiritual afim, recebem os pensamentos que lhes enviamos e transmitem-nos pensamentos. A faixa é determinada pela realização espiritual.”

“As pessoas mantêm os seus nomes terrenos?”, foi a pergunta seguinte. “Por exemplo, Abraão Lincoln ainda é conhecido como Abraão Lincoln no mundo espiritual?”

“Sim”, disse Silver Birch, “enquanto for necessário que uma pessoa seja assim identificada. Mas deveis lembrar-vos de que o nome não é o indivíduo; é apenas o meio pelo qual é conhecido.”

“Se alguém parte e é conhecido por muitas pessoas por certo nome, seria muito conveniente manter esse nome”, observou um participante.

“Sim”, foi-lhe dito, “enquanto for necessário que ele ou ela seja assim identificado. Isso pode levar centenas ou mesmo milhares de anos. Mas, uma vez que tenhas passado para além do campo magnético da Terra, o nome já não importa, porque então és conhecido pelo indivíduo que verdadeiramente és.”

“Isso pode ser atestado por pessoas?”

“Sim. Uma vez que te libertes da atração terrena, uma vez que tenhas ultrapassado a fase de associação terrena e alcançado o grau de vida espiritual a que tens direito, emites uma luz, uma aura, uma radiação, que indica quem és e o que és. É difícil de entender?”

“Não”, disse o questionador. “No nosso mundo, por vezes, sem falar com uma pessoa, conseguimos perceber que tipo de indivíduo ela é.”

“Sim, está na aura”, comentou Silver Birch. “Aqui é assim, mas numa escala muito intensificada.”

Outra pergunta foi: “Há homens e mulheres famosos no mundo espiritual, distintos dos homens e mulheres famosos deste mundo?”

“Sem dúvida”, disse o guia. “A fama chega a muitas pessoas no vosso mundo por mero nascimento e por nenhuma outra razão. Não a conquistaram pela vida, pelo esforço ou pelo trabalho. Há muitíssimos seres desconhecidos, não reconhecidos no vosso mundo, a quem o brilho da fama é concedido no nosso mundo. A alma é o passaporte indelével.”

“Há livros ou algo equivalente no outro mundo?”, foi mais uma pergunta.

“Sim, há muitos, muitos livros”, disse Silver Birch. “Existe um duplicado de cada livro conhecido no vosso mundo, e há muitos outros volumes de que não existem originais no vosso mundo. Existem vastos salões ou edifícios dedicados a todas as artes, e a literatura tem aí o seu lugar. É possível obter conhecimento sobre qualquer tema que vos interesse.”

“Quem prepara os livros?”

“Autores, pessoas especializadas na tarefa de preparar livros.”

“São livros etéricos que pessoas etéricas podem pegar e ler?” — “Sim!”

Depois a discussão tomou um daqueles rumos que lançam nova luz sobre velhos problemas.

“Poderia o mesmo livro ser algo diferente para outra pessoa?”, foi a pergunta que deu início.

“Não”, explicou o guia, que perguntou: “Alguma vez sonhaste que estavas a ler um livro?”

“Eu não”, foi a resposta, “mas consigo imaginar bem como será a experiência.”

“Seria um livro real?”, perguntou Silver Birch. “Não”, foi-lhe dito.

“Imaginemos”, prosseguiu o guia, “que nunca acordavas, que os sonhos eram a tua realidade constante e não tinhas qualquer experiência de vigília com que comparar a tua vida de sonho; tudo o que se passasse em sonhos seria real para ti e tudo o que tivesse acontecido na vida de vigília passaria a ser a sombra. Todos os processos mentais utilizados durante o estado de sonho são empregues com muito maior intensidade nos mundos para além da morte. Como esses estados mentais são a realidade das pessoas que habitam esses

mundos, esses estados são tão tangíveis para elas como as coisas materiais o são para vós no vosso mundo.”

Silver Birch descreveu algo das belezas do mundo do espírito, que afirma visitarmos frequentemente durante o sono, embora a maioria de nós não consiga recordar as experiências ao despertar.

“Quando tiverdes provado e desfrutado, com toda a vossa consciência, tudo o que o meu mundo tem para oferecer, perceberéis que é o amor que vos temos que nos faz voltar para trabalhar entre vós”, disse ele.

“Não provastes as alegrias do mundo do espírito. Não há nada no vosso mundo de matéria com que possais comparar a vida do espírito, liberta dos grilhões da carne, evadida da prisão do corpo de matéria, com liberdade para ir aonde quiserdes, ver os vossos pensamentos tomarem forma, seguir os desejos do vosso coração, estar livre dos problemas do dinheiro. Não, não provastes as alegrias do mundo do espírito.

“Vós, que estais encerrados na matéria, ainda não compreendeis a beleza como ela pode ser. Não vistes a nossa luz, cor, paisagens, árvores, aves, rios, ribeiros, montanhas, flores — e, no entanto, o vosso mundo teme a morte.

“A morte infunde terror nos vossos corações. Mas só começareis a viver quando estiverdes ‘mortos’. Agora viveis, mas, na realidade, estais quase mortos. Tantos estão mortos para as coisas do espírito. A pequena força vital tremeluz nos seus corpos franzinos, mas nenhuma coisa espiritual encontra resposta dentro deles. Porém, gradualmente, fazemos progressos. Gradualmente, a força do espírito aumenta em poder por todo o vosso mundo de matéria. Gradualmente, a escuridão recua, como tem de recuar quando confrontada com a luz da verdade espiritual.

“Não há palavras para comparar a vida no vosso mundo de matéria com a vida no mundo do espírito. Nós, que estamos ‘mortos’, sabemos muito mais da vida do que vós.

“Este é o mundo onde o artista vê todos os seus sonhos tornarem-se realidade, onde o pintor e o poeta realizam a sua ambição, onde o génio tem pleno poder de expressão, onde as repressões da Terra são varridas e todos os dons e talentos são usados ao serviço uns dos outros.

“Este é o mundo onde não há palavras desajeitadas para exprimir a inspiração, mas onde o pensamento é a linguagem viva e se revela com rapidez fulgurante.

“Este é o mundo onde não temos dinheiro a preocupar-nos, onde não há competição, nem o empurrar dos mais fracos para a parede, onde os fortes são fortes porque têm algo para dar aos menos afortunados do que eles.

“Não temos desemprego, não temos bairros de lata, não temos egoísmo. Não temos seitas, temos apenas uma religião. Não temos livros sagrados, apenas a operação das leis divinas que nos instruem.

“E quanto mais te aproximas do cinturão da matéria, mais desajeitado e difícil é para o espírito exprimir-se.

“Morrer não é trágico. Viver no vosso mundo é que é trágico. Ver o jardim do Grande Espírito sufocado pelas ervas daninhas do egoísmo, da ganância e da avareza, isso sim é tragédia.

“Morrer é desfrutar a liberdade do espírito, que esteve preso por trás das grades do corpo material. É trágico ser libertado do sofrimento, a alma entrar no que lhe pertence? É trágico ver maravilhas de cor, ouvir música que não pertence à expressão material? Chamais trágico exprimir-vos num corpo que não tem dor, poderdes percorrer todo o mundo da matéria num instante e saborear também as belezas da vida espiritual?

“Não há no vosso mundo um artista que consiga captar com as suas tintas algumas das glórias do meu mundo. Não há um músico que consiga registar com as vossas notas algumas das glórias da esfera da música. Não há um escritor que descreva em palavras físicas a beleza de partes deste mundo.

“Vedes à vossa volta as manifestações do Grande Espírito, quando a aurora da vida varre os vossos arredores de novo no seu ciclo, e maravilhai-vos com a beleza da flor e o perfume das flores, e dizeis: ‘Quão grande é a obra do Grande Espírito.’

“E, no entanto, aquilo que vedes é apenas um reflexo muito, muito pálido das belezas que temos no nosso mundo do espírito. Temos flores como nunca vistes, temos cores como os vossos olhos nunca contemplaram, temos cenários e florestas, temos aves e plantas; temos rios e montanhas. Não tendes nada com que as comparar. E podereis desfrutá-las, pois, ainda que sejais fantasmas, sereis fantasmas reais.

“Vós vindes ao nosso mundo agora, mas não vos lembrais. Visitais o mundo do espírito todas as noites. Essa é a vossa preparação. Caso contrário, seria um choque tão grande quando viésseis para aqui começar a vossa vida real a sério. Quando passardes, lembrareis as vossas visitas.

“Estareis então livres da limitação do corpo e podereis exprimir plenamente toda a consciência que foi libertada durante o vosso sono. Na sua nova expressão, trará até vós todas as memórias que possuís; as memórias de todas as experiências que vivestes.”

CAPÍTULO SETE

A MÁGICA TEIA DE PALAVRAS

A espontaneidade é uma das qualidades características de Silver Birch. Não é que alguma vez lhe faltem palavras — muitas pessoas podem gerar palavras em fluxo interminável. Mas farão sentido? São consistentes? Elevam-se acima da banalidade, da repetição, da circunlóquio e, em grande parte, do simples lixo?

Silver Birch é um mestre orador que recorre a uma fonte de inspiração infalível. Qualquer que seja a pergunta, a sua resposta é dada sem hesitação e vem cheia daquilo que talvez melhor se descreva como “bom senso cósmico”. Tem-se a sensação de que este grande sábio das esferas nunca ficou sem fala nem foi apanhado na ignomínia da contradição.

Humilde e abnegação quando até poderia permitir-se um pouco de orgulho, continua a tecer a sua mágica teia de palavras e filosofia numa atmosfera verbal de tranquila dignidade, suave sabedoria e reverente dedicação.

Quando lhe fazem uma pergunta de tema geral, a resposta é aplicável a qualquer comunidade ou indivíduo, em qualquer época. Por exemplo, respondendo à pergunta “Pode dizer algo sobre o uso correto do lazer?”, respondeu:

“O uso correto do lazer deve ser dedicado ao cultivo dos dons da mente e do espírito. Isso é importante, pois já a maioria das pessoas dedica tempo suficiente às exigências do corpo físico. Preocupam-se com o alimento necessário para os sustentar e dar-lhes energia, embora nem sempre tenham consciência das leis de saúde que permitiriam ao corpo ser o organismo vital que deveria ser. Mas poucos se lembram de que a mente e o espírito exigem desenvolvimento, e são esses que atravessam a vida espiritualmente surdos, mudos e cegos.

“As vastas e inesgotáveis riquezas do espírito são-lhes desconhecidas. A beleza que poderia encher a sua mente e o seu espírito ainda não lhes foi dada a conhecer. Pouco sabem das muitas artes, cujo cultivo lhes traria paz interior e maior apreço pelo lado mais amplo da vida.

“Depois, acima de tudo, está o cultivo do próprio espírito, que pode ser realizado na quietude do indivíduo, onde ele pode aprender a sintonizar-se com todo o poder que está à sua volta; onde pode aprender a harmonizar a sua mente com as grandes mentes da vida maior; onde pode aprender a tornar-se melhor recetáculo da inspiração e sabedoria, do conhecimento e da verdade, de todo o saber que o espera no armazém infinito, o Grande Espírito.”

“Poderias explicar a intuição?”, perguntou alguém certa vez.

“Sim, posso explicá-la numa frase — o apelo do espírito”, respondeu o guia. “A intuição é o meio pelo qual o espírito toma consciência de si; ela ultrapassa os processos do raciocínio terreno normal. A intuição realiza, a velocidade relâmpago, aquilo a que normalmente chegaríeis após muita deliberação. A intuição é esse processo de sintonização durante o qual recebeis esse impulso a que chegaríeis depois de muito tempo e reflexão sobre o mesmo assunto.”

A simples humanidade do guia revelou-se na resposta à pergunta: “É imprudente que pessoas de cor e pessoas brancas se casem e tenham descendência?”

A sua resposta direta foi: “Sou um homem de cor. Preciso de dizer mais? Certamente o vosso mundo está em erro quando pensa que a superioridade pode ser determinada pela pigmentação, pela cor da pele. A superioridade alcança-se apenas através do serviço. Não há outro caminho. Não sois maiores nem menores em espírito por a vossa pele ser branca, parda, vermelha ou preta. A cor da vossa pele não reflete o desenvolvimento da vossa alma. O vosso mundo tenta julgar problemas eternos por padrões físicos, mas só há um padrão eterno — o padrão do espírito.”

“Todas as raças e todas as cores fazem parte do Grande Espírito de toda a vida, que proporciona harmonia na mistura perfeita de todos os matizes. Olhai para a obra da natureza e percebei que, por mais profusas ou variadas que sejam as cores das flores num vasto jardim, nunca em parte alguma se ouve a nota da desarmonia ou da discordância de cor. Quando as cores estiverem misturadas entre os homens, estareis a aproximar-vos da raça perfeita.”

“É justo, no atual desenvolvimento da sociedade humana, trazer ao mundo crianças mestiças?”, perguntou um participante.

“O preconceito tem de ser derrubado, o erro tem de ser combatido”, respondeu o guia. “A verdade avançará, por mais lenta e penosamente, porque é verdade. Aquilo que vale a pena ter, vale a pena alcançar. A conquista vem pela luta. O prémio pertence a quem ousa e vence, não aos que temem e são tentados a evitar as suas dificuldades. A vida é uma escola. Através de dureza e luta, esforço

e dificuldade, circunstâncias adversas, tempestades e borrascas, o espírito encontra-se a si mesmo.”

Uma das melhores respostas espontâneas a uma pergunta feita pelos membros do círculo surgiu quando se perguntou a Silver Birch: “Se te pedissem para radiodifundir a verdade do Espiritualismo, o que dirias?” Ele respondeu:

“Começaria por explicar que sou um daqueles que o vosso mundo de matéria considera mortos, mas que as crenças do vosso mundo assentam numa falácia. A vida não pode morrer. A vida continua porque faz parte da grande, eterna, criativa força vital. Pediria aos ouvintes que pusessem de lado todos os equívocos dos seus preconceitos herdados e que abordassem o tema da Sobrevivência com simplicidade de coração e de mente, procurando apenas conhecer a verdade.

“Apelaria a que fossem tolerantes e compreensivos, e a que não se preocupassem com o que outros ensinaram, mas a que buscassem por si mesmos. Citaria como testemunhas os muitos, por todo o mundo, que sabem que existe uma vida que continua para além do túmulo, porque eles próprios falaram com aqueles a quem chamam mortos. Depois, falando por mim, diria que fui um daqueles que, tendo cumprido o meu tempo terreno atribuído e tendo passado, há muitos anos, para além do véu da vida mortal, decidi regressar para iluminar o vosso mundo obscurecido e ensiná-lo as verdades do espírito que estiveram enterradas durante demasiado tempo.

“Esboçaria algumas dessas verdades simples em linguagem simples e perguntaria se os que ouviram consideram que, de algum modo, elas ofendem a sua razão ou insultam a sua inteligência. Não tenho interesses instalados, dir-lhes-ia; não tenho dinheiro a ganhar; não tenho emprego a defender. Nada tenho a ganhar. Volto depois de muitos, muitos anos num mundo de espírito para vos dizer o que sei. Cabe-vos a vós escutar.

“Digo-vos que sois imortais, imperecíveis, que aqueles por quem chorastes, por quem as lágrimas de tristeza vos sulcaram as faces, estão silenciosamente ao vosso lado — silenciosos para vós porque não os conseguis ouvir, mas as suas vozes têm clamado, em angústia, há muito tempo, no esforço de vos alcançar.

“Vós é que sois os mortos, os mortos que estão inconscientes da vida tal como ela realmente existe. Fechastes os olhos a todas as belezas do universo do Grande Espírito. Permitistes a vós próprios registar apenas a fração infinitesimal de um mundo terreno. À vossa volta, toda a atmosfera ferve de vida múltipla. Os vossos próprios amados estão lá, e, por detrás deles, as fileiras cerradas dos imortais, homens e mulheres de idades passadas que, tendo servido o vosso

mundo de matéria quando convosco estiveram, continuam ansiosos por vos oferecer camaradagem, orientação, convívio e a sabedoria da sua experiência ampliada.

“Se preferis a cegueira, mantende os olhos fechados. Se preferis a surdez, mantende os ouvidos fechados. Mas, se sois sábios, abrireis as janelas das vossas almas, para que possais tomar consciência desse poder vasto e poderoso do espírito que vos fortalecerá e encorajará e vos fará saber como a vida pode ser vivida e desfrutada plenamente.

“Sois filhos de um Grande Espírito, um Grande Espírito cuja sabedoria e amor moldaram todo o universo. Os laços que vos unem a esse Grande Espírito podem ser fortalecidos pela vossa compreensão. Se as igrejas se interpõem no caminho desse conhecimento, então descartai as igrejas. Se os homens são os obstáculos, então descartai os homens. Se os livros são obstáculos, descartai os livros.

“Recolhei-vos ao silêncio do vosso próprio ser; esquecei o mundo da matéria com toda a sua áspera dissonância. Sintonizai-vos com as vibrações subtis e delicadas da vida do espírito que vos rodeia, e sabereis que podeis transcender as limitações do corpo carnal. Despertai para o conhecimento; despertai para a compreensão. Não precisais de ser prisioneiros; podeis deixar a prisão da ignorância e viver na luz da liberdade espiritual.”

“É isso que eu diria.

CAPÍTULO OITO

PODERES DA MENTE

Um editor de Fleet Street, com alguma experiência de Espiritualismo, colocou perguntas a Silver Birch sobre a diferença entre pensamento e inspiração. Eis como o guia respondeu:

“Vós, que viveis no mundo da matéria, sois criaturas muito pouco originais. Não criais, salvo muito raramente, coisa alguma. Sois estações recetoras e também transmissoras. Pensamentos chegam até vós; alojam-se em vós; vós acrescentais-lhes asas e enviais-nos de novo, onde outros os recebem. O pensamento que chega até vós já não é o mesmo quando parte de vós; a vossa personalidade acelerou-o, ou abrandou-o, enriqueceu-o, ou empobreceu-o, tornou-o mais belo, ou mais feio, deu-lhe nova vida, ou talvez o viciou. Mas, acima de tudo isso, podeis, quando vos sintonizais, receber inspiração positiva daqueles de mentalidade afim à vossa.

“Quando as pessoas ‘morrem’, como lhes chamais, vêm para o nosso mundo, mas toda a riqueza de alma e de mente que é delas não pode morrer. É divina, infinita e, como todas as coisas divinas e infinitas, não pode perecer. Todas as qualidades da alma e da mente continuam a crescer, a desabrochar, a desenvolver-se e a amadurecer no nosso mundo. O simples facto de possuídes essas grandes qualidades da alma significa que, quando chegais a este nosso mundo, depressa desejais prestar serviço aos menos afortunados do que vós. Procurais, ou esforçais-vos por encontrar, pessoas semelhantes a vós.

“Se fostes poeta, procurais um poeta; músico, procurais um músico — interesses afins sempre que possível —, para que possais dar, livremente, tudo o que aprendestes no vosso novo mundo. A dificuldade está em alcançar o processo de sintonização. Não é culpa nossa que a inspiração se limite a breves lampejos. Se as leis que regulam as condições entre os dois estados de vida fossem perfeitamente compreendidas, se as pessoas do vosso mundo se desfizessem dos muitos preconceitos e superstições que erguem barreiras a uma comunicação plena e livre, esta sabedoria do infinito poderia ser vertida, através de instrumentos humanos, no vosso mundo. Tudo depende sempre de haver um instrumento capaz de receber o que damos e da capacidade desses instrumentos de se sintonizarem para receber o mais elevado que possa ser dado. Toda a inspiração, toda a sabedoria, toda a verdade, todo o conhecimento dependem da vossa capacidade de receber.”

Explicando, noutra ocasião, como a influência espiritual atua sobre os médiuns, o guia disse a um grupo de amigos terrenos: “Trabalhamos de duas maneiras. Primeiro, há a parte difícil, que é fazer sentir a nossa influência no vosso mundo. Não sabeis quão difícil isso é — começar sem qualquer contacto com um mundo de matéria e, depois, por puro exercício mental, concentração, projeção de pensamento e de ideia focalizada numa pessoa, para que ela possa ser influenciada, inconscientemente, quanto a si própria, de modo a julgar que é a sua própria ideia em funcionamento, até ser levada para aquele lugar onde o primeiro elo pode ser feito.

“Essa é a tarefa difícil, e leva anos e anos e anos. Leva tanto tempo, às vezes, que, no meu caso, tive de começar mesmo antes de o instrumento nascer. Depois de feito isso, a parte seguinte já não é tão difícil, porque, uma vez que tendes um instrumento, um médium, um canal, e podeis exprimir-vos, por mais pobremente que seja, ao menos forjou-se o elo magnético, e esse não pode ser quebrado.

“A partir desse começo, a quantidade de influência pode ser aumentada; o funil do espírito pode tornar-se cada vez maior; e a única limitação é a capacidade do

instrumento, pois essa é sempre a restrição imposta à amplitude da cooperação conosco. Em todos estes casos, onde quer que haja falha, a falha não está em nós, mas nos meios ao nosso alcance. Quando as pessoas dizem: ‘Porque é que o mundo do espírito não faz isto ou aquilo?’, por certo a resposta é que os instrumentos tornam isso possível ou impossível.

“Depois de o elo magnético ter sido estabelecido, é muito mais simples, porque, através do nosso mundo, o poder do espírito pode alcançar-vos. Se, pelo vosso livre-arbítrio, começardes a permitir que o vosso eu interior se desenvolva, permitis que essa parte de vós, que é a realidade eterna, comece a encontrar expressão aqui, em vez de esperar até terdes passado pela porta da morte.

“Então, a associação torna-se mais próxima, mais rica e mais eficaz com o passar do tempo. Depois disso, já não é tão difícil reunir as diversas pessoas cujo encontro faz parte de um plano. É o primeiro passo que é o mais difícil.”

O papel desempenhado, na comunicação em transe, pela mente do médium foi explicado por Silver Birch numa ocasião. Começou com o seu comentário de que tinha alguma dificuldade em controlar porque o médium estava a adormecer.

“Isso não me serve”, disse.

“Porquê?”, perguntou um participante.

“Tenho de ter controlo sobre tudo o que regula o corpo”, respondeu Silver Birch.

“Não poderias ter controlo se o médium estivesse a dormir?”, perguntou o participante.

“Não”, disse o guia. “Porque tenho de usar a mente subconsciente dele para dirigir o corpo, e ela torna-se quiescente no sono. Transe não é o mesmo que sono.”

“Mas o médium não sai do corpo em ambos os casos?”, perguntou o participante.

“Não, não se trata de o médium estar dentro ou fora”, respondeu o guia. “Estais a lidar com a consciência e o seu funcionamento, e isso não é dentro nem fora.”

“Pensei que a consciência do médium ficasse de lado”, comentou o participante.

“Sim, mas isso é uma separação temporária do seu corpo físico”, disse Silver Birch. “É uma rendição voluntária, em vez da negação que o sono é. Toda a mediunidade é cooperação consciente entre o nosso mundo e o vosso. Há exemplos de cooperação inconsciente quando as faculdades são estimuladas por um tempo, mas, quando há um trabalho real a realizar entre um guia e um

instrumento, a cooperação tem de ser consciente, uma vontade por parte do médium de tomar parte em toda a engrenagem associada ao desenvolvimento da mediunidade.”

“Não houve casos em que o médium foi usado no sono e mensagens em transe surgiram através dele?”, perguntaram ao guia.

“Pode ter havido”, disse, “mas é uma inversão do processo que deveria ser usado normalmente.”

“É possível que o médium tenha concordado, no sono, em ser usado dessa forma”, observou o participante.

“Sim, mas, como sabeis, nós deferimos sempre à vontade do instrumento”, disse Silver Birch, “a menos que sejam questões sem importância, e então sugerimos o que deve ser feito. Mas, naturalmente, este corpo não nos pertence; pertence ao inquilino que o habita. Se ele quiser ceder-nos o arrendamento por um bocadinho, muito bem; mas privá-lo da sua posse sem a sua permissão é contrário à lei. Trata-se de uma entrega natural, com respeito de ambos os lados pelas forças que irão habitar o corpo.”

Solicitado a dizer ao círculo algo sobre o uso da mente subconsciente na comunicação em transe, Silver Birch disse:

“Há muitos equívocos a esse respeito. Muito resumidamente, a mente tem muitas funções. O homem é uma expressão de consciência, e a consciência é o que importa acima de tudo. Consciência é vida individual; vida individual é consciência. Onde quer que haja consciência, há espírito individual; e onde quer que haja espírito individual, há consciência. Não estais cientes da plenitude da vossa consciência no mundo físico em que viveis, porque a vossa consciência é muito maior — para usar um termo que compreendereis — do que o corpo físico através do qual tenta exprimir-se. O menor não pode conter o maior; o inferior não pode sustentar o superior.

“E assim, ao longo de toda a vossa vida terrena, expressais apenas uma mera fração dessa consciência maior que reconheceréis nos dias após passardes pelo portal da morte. Mesmo então não tomareis imediatamente consciência de toda a vossa consciência, pois é apenas através da evolução, mesmo no nosso mundo, que cada vez mais da consciência pode ser registada através do seu veículo.

“A vossa mente, que é a diretora da vossa inteligência, a controladora de toda a vossa vida individual, não funciona ativa e conscientemente para todas as exigências do vosso corpo físico. Tantas das funções necessárias à vossa vida

neste mundo são automáticas e mecânicas. Uma vez que a consciência tenha disposto os músculos, ou os nervos, ou as células, ou os tecidos, e a sua coordenação necessária para desempenhar essa tarefa, relega a sua repetição para a parte subconsciente da vossa mente.

“Por exemplo, quando comeis, abris a boca automaticamente, o que implica o jogo de muitos nervos e forças antes de as mandíbulas se moverem. É preciso enviar impulsos nervosos a partir do cérebro, que é o correspondente físico da mente, e, depois, os dentes têm de se abrir e instruções semelhantes têm de ser dadas pelo cérebro. Tudo isso é automático. Não passais, sempre que pegais num bocado de comida, por todos os processos necessários antes de poder comer. Fazei-lo automaticamente; a mente subconsciente fá-lo por vós. Quando éreis bebés, tivestes de os aprender um a um; agora é feito sem pensar; puramente de modo mecânico.

“Verificareis, portanto, que a maior parte do controlo das vossas funções corporais — e, em grande medida, também das mentais — foi relegada para a mente subconsciente, que é um departamento, o rés-do-chão, da vossa mente consciente. Lede um livro e parais e perguntai a vós próprios o que pensais dele, e a resposta surge-vos, automaticamente, na mente. É a vossa mente subconsciente que regista a resposta por vós, depois de, pela associação com a vossa consciência, ter aprendido a razão que empregais. Ouvís um discurso e, se a qualquer momento vos perguntarem: ‘Que pensais dele?’, mesmo sem refletir, dais a resposta.

“Quando, porém, vos confrontais com problemas fora da vossa experiência habitual, que não foram antes executados ou resolvidos pela mente subconsciente, então a vossa consciência tem de começar a trabalhar, porque está envolvida uma via nova. Mas, com estas exceções, em que tendes de empregar pensamento original — se tal expressão pode ser usada neste contexto —, a maior parte da vossa vida é relegada para a mente subconsciente. Ela funciona como armazenista; encarrega-se de todos os registos da vossa memória; controla a maioria dos vossos processos vitais; e, portanto, sob muitos aspetos, é a parte mais importante de vós.

“Quando se trata de mediunidade, é lógico, não é?, que, quando uma inteligência alheia à inteligência que se tem exprimido através do organismo corporal tem de funcionar, lhe seja mais fácil assumir o controlo da mente subconsciente, que já está habituada a agir segundo as direções da mente consciente. Está habituada a receber ordens; está habituada a ter tarefas atribuídas e a executá-las sem interrupção, salvo se algo corre mal.

“Quase todas as formas de mediunidade envolvem o uso da mente subconsciente do médium, pois aí reside o segredo da sua personalidade. Aí, incrustadas no seu armazém, estão todas as facetas da sua individualidade. Na mediunidade em transe, o que o guia tem, antes de mais, de aprender a evitar é que, ao controlar o seu instrumento, tome tal comando que não obtenha do instrumento as respostas automáticas habituais que o médium dá quando a sua consciência chama a sua subconsciente. Esse é o tom de fundo de tudo.”

“Tem ele de silenciar a mente subconsciente?”, perguntou um participante.

“Não”, disse Silver Birch. “O guia tem de harmonizar a sua personalidade com a do médium para alcançar uma fusão tão perfeita que sobreponha o seu próprio pensamento por via da cooperação. Ao mesmo tempo, tem de ser senhor dessa subconsciente que, no momento em que obtém a associação de outra inteligência diretora, começa a enviar impulsos, tal como, quando carregais nas teclas de uma máquina de escrever, as letras sobem. É isso que o guia tem de aprender: a evitar que tal aconteça.

“Podeis conceber que, como estais a lidar com um ser vivo, com um indivíduo com ideias próprias, com preconceitos, gostos e aversões, estais condenados, em todas as formas de controlo, a obter alguns aspetos do médium. É impossível, como vos disse, eliminar totalmente o médium. O grau de eliminação depende do êxito em fundir a personalidade do guia com a do seu instrumento. Se fosse possível efetuar uma fusão perfeita, então não haveria interferência subconsciente por parte do subconsciente.

“Não se trata de eliminar o médium — não podeis fazê-lo —, mas de fundir. É isso que é o desenvolvimento da mediunidade. É por isso que vos sentais em círculos. É por isso que tendes sessões, para que o poder reunido de todos os que se juntam seja usado para auxiliar a fusão. É por isso que a harmonia é essencial. É por isso que, se houver fricção entre os participantes, é impossível obter harmonia entre o guia e o médium. Estais a lidar o tempo todo com forças mentais e, embora nada haja de visível para mostrar, todos os pensamentos, impulsos, vontades, desejos, anseios não vistos de todos os participantes influem nas comunicações que têm lugar. Quanto mais proficiente for o guia, quanto mais experiente, maior será o estado de harmonia entre ele e o seu instrumento e menor será a interferência subconsciente.”

“É melhor, do vosso ponto de vista, escolher um médium cujos desejos e sentimentos sejam mais ou menos iguais aos do guia?”, perguntou um participante.

“Depende”, respondeu o espírito. “Esse é um dos temas debatidos, e há diferença de opinião, mesmo no nosso mundo. Lembrai-vos de que somos seres humanos e não estamos de acordo em todos os pormenores dos processos envolvidos na comunicação.

“Há quem diga que se obtém mais êxito usando um médium ignorante, alguém que sabe tão pouco que a sua subconsciente não apresenta barreira. A isso, outros respondem que a sua própria ignorância é barreira, porque cria um muro que tem de ser derrubado. A mesma escola sustenta que, quando tendes uma mente bem preenchida, tendes um melhor instrumento sobre o qual tocar, pois música maior é possível a partir de um instrumento criado por artesanato do que de um instrumento barato que comprais por uns tostões no vosso mundo; que, quanto melhor o instrumento, melhores os resultados que o nosso mundo pode obter dele. Inclino-me para essa crença.”

“Porque é que um médium com mais conhecimento há de ser melhor do que um ignorante?”, perguntou um participante. “Não é também uma questão de caráter?”

“Estou a falar de mediunidade em transe”, respondeu o guia. “Caráter é uma questão separada que envolve outros fatores. Refiro-me aos processos propriamente ditos, ou, se preferirdes a palavra, à mecânica da comunicação. Vou pô-lo de forma muito simples. Um violinista obterá melhores resultados de um Stradivarius do que de um violino barato, porque a beleza e a qualidade desse instrumento permitem-lhe produzir melhores resultados. O outro constitui uma limitação para ele.

“O caráter do médium tem grande efeito na qualidade do comunicador que se pode registar através dele e, nas manifestações físicas, na qualidade dos resultados obtidos. Quanto mais baixo o caráter — e uso estas palavras apenas em termos de comparação — do médium físico, tanto mais pobre, por exemplo, é o ectoplasma que é usado, não mais pobre fisicamente, mas do ponto de vista espiritual. O caráter determina a qualidade do poder de atração entre o espírito e o médium. Seria impossível, por exemplo, àqueles que reconheceis como santos, devido ao seu elevado estatuto espiritual, manifestarem-se através de um médium de caráter muito baixo, porque não há ponto de contacto.”

“Na mediunidade física, a mente subconsciente também parece ter efeito”, comentou um participante. “Pode explicar?”

“O ponto focal de cada sessão é o médium”, disse Silver Birch. “Não estais a usar um telefone, não estais a usar um poste telegráfico, não estais a usar uma chave

Morse. Estais a usar um instrumento vivo, e as qualidades da sua vida impregnarem as comunicações.

“E ainda bem que assim é. Se fosse possível — o que não é — reduzir toda a comunicação entre estes dois estados de vida a um aparelho puramente mecânico, sei que a maior parte da beleza e do caráter sagrado se perderia. Em cada sessão, o médium é o ponto focal. Não o podeis eliminar. São todas as suas qualidades que estão a ser usadas.

“Mesmo quando uma trombeta se ergue ou uma materialização se forma, o fundamento provém do médium, e quaisquer qualidades que o médium possua, de uma forma ou de outra, são transmitidas nos resultados da sessão.”

“Porque é que o batimento cardíaco e o pulso se alteram quando um espírito assume o controlo?”, foi perguntado ao guia noutra reunião. “São, por norma, o batimento cardíaco e o pulso do espírito?”

“Quando os espíritos estão a controlar o médium”, respondeu, “registam-se através da mente subconsciente e, automaticamente, a sua consciência regula as funções primárias do corpo, que são o batimento do coração e o pulso, a temperatura e a circulação do sangue. É por isso que notais uma alteração na respiração quando o controlo está a ser efetuado. É a fase transitória. Mas o que acontece é que o guia está a reproduzir, pela associação com a matéria, a sua própria personalidade tal como foi expressa num corpo. Por exemplo, eu uso um corpo de Índio Vermelho e, assim, através do médium, o batimento do pulso é o do corpo de Índio Vermelho, porque é mais fácil transferir toda essa consciência pertencente ao corpo astral do que começar do princípio.”

Respondendo à pergunta “Quem ou o que são os nossos guias?”, disse Silver Birch:

“Por vezes são aqueles que pertencem à linha da família. Por vezes não há laço de relação terrena, mas, em vez disso, há uma afinidade espiritual baseada na atração mútua, porque há alguma tarefa que pode ser realizada. Não estão limitados aos membros de raça ou de nação, pois a raça e a nacionalidade não persistem para além da sepultura, quando os hábitos da Terra morreram. Não há raças nem nações nas almas; apenas nos corpos.”

Alguma ideia do trabalho realizado pelos guias foi dada por Silver Birch. Surgiu quando lhe perguntaram: “Podes dizer-nos como são escolhidos os guias?” O mestre espiritual respondeu: “Alguns voluntariam-se porque têm consciência de tarefas a cumprir no vosso mundo. Outros, que atingiram uma maturidade de

crescimento espiritual, são abordados por aqueles que assumiram a tarefa de ajudar a humanidade.

“Fui convidado — não fui eu que escolhi, a princípio. Mas, quando me perguntaram se me voluntariava para o fazer, prontamente anuí, e posso dizer-vos que foi pintado um quadro muito negro das dificuldades que teriam de ser superadas antes que algum progresso pudesse ser feito. Contudo, essas dificuldades foram, em grande medida, vencidas e os obstáculos que ainda se erguem no caminho são muito pequenos comparados com os que foram removidos.”

“E aqueles que se voluntariam, ao contrário dos que são abordados, têm de satisfazer alguns examinadores que testem a sua aptidão para se tornarem guias?”, foi a pergunta seguinte.

“Não exatamente nesse sentido”, respondeu Silver Birch, “mas algo muito semelhante. O nosso mundo é altamente organizado, muito mais organizado do que alguma vez pensastes ser possível, e para realizar esta tarefa é necessária uma organização em miniatura. Conheceis pelo nome alguns dos membros deste grupo, que, aliás, são um conjunto muito reservado de pessoas, porque, cada vez que procuro trazê-los para a frente, eles recuam sempre e dizem: ‘Segue tu.’

“Agora, não podeis obter o vosso grupo, a vossa banda, a menos que ela seja atraída para vós pelo bem do trabalho e que tenhais alcançado aquele grau de evolução que vos dá o poder de atração. No nosso mundo, aquilo que sois determina o que fazeis. É o vosso espírito que é a realidade dominante. Não há máscaras, não há disfarces, não há subterfúgios, não há fraudes; nada está escondido; tudo é conhecido.”

CAPÍTULO NOVE

A MORTE NÃO PODE SEPARAR

Nunca permitais que o medo encontre alojamento dentro do vosso ser. É uma qualidade negativa que destrói, vicia e corrói. Prejudica o vosso juízo; tolda a vossa razão; impede-vos de ver as questões com clareza. Não há problema que chegue a qualquer alma que sejais incapazes de resolver. Não há dificuldade que não possais vencer — se permitirdes que a divindade latente venha à superfície.

“As pessoas no vosso mundo, com pouquíssimas exceções, ainda não começaram a viver. Estão a exprimir apenas parcelas infinitesimais do poder que reside dentro delas. Em momentos supremos de crise ou de emergência apelam para esse poder e ele dá-lhes força acrescida, coragem acrescida, sabedoria acrescida. Mas esse poder pode ser acedido a todo o tempo. Pode dar-vos saúde para dominar a doença, direção em tempos de incerteza, orientação quando estais perplexos, força quando estais cansados e visão quando estais cegos. Está aí para o exprimirdes.”

É com linguagem tão poderosa que Silver Birch combate um inimigo insidioso. “O medo nasce das trevas da superstição do homem”, declarou, quando alguém lhe perguntou: “Dizes que devemos expulsar o medo, mas o medo não é uma parte necessária do nosso equipamento?” Ele prosseguiu:

“É a relíquia dos dias da evolução primitiva, quando o homem primitivo não compreendia os processos da natureza e lhes atribuía poderes que estavam para além do natural. Tinha medo da noite; tinha medo do sol; tinha medo da tempestade, dos relâmpagos e do trovão; tinha medo da borrasca; tinha medo de todos os fenómenos naturais porque a explicação deles não cabia na sua órbita mental.

“Mas já não sois crianças de uma era primitiva. Gabais-vos de ser altamente civilizados, de terdes crescido até ao estatuto pleno e orgulhoso do homem. Porque razão, então, haveis de ter medo, sabendo que sois parte do Grande Espírito de toda a vida, que sois co-participantes nos processos da evolução, que possuís o poder que moldou todo o universo e lhe deu direção e propósito, que possuís o poder responsável por cada faceta da vida, o poder que encheu todo o mundo com tudo quanto ele contém? Porque é essencial o medo quando sabeis o que sois e o que podeis ser? Não, o medo está errado, pois o medo torna-vos medrosos e não deveis ter medo. Deveis viver à luz do conhecimento, baseado na confiança de que sois espíritos infinitos e nada pode ferir ou danificar para sempre a eternidade que é vossa.”

Talvez o maior medo conhecido pelo homem seja o da morte. Não há horror comparável ao que entorpece a mente quando um indivíduo imaginativo contempla a possibilidade da extinção total. E não há dor que se compare à que acomete uma alma sem esclarecimento quando alguém verdadeiramente e ternamente amado deixa de respirar para sempre.

“Mas, por favor, tentai compreender isto” — é Silver Birch quem fala — “a morte não é uma tragédia para quem morre; é apenas uma tragédia para os que ficam. Passar das trevas para a luz não é algo pelo qual devais afligir-vos.

“Se chorais, na realidade estais a chorar a vossa perda e não por alguém que, na verdade, foi libertado. Ele está melhor. Já não sofrerá todos os males do corpo humano. Não será sujeito aos estragos de doenças consumptivas. Desabrochará todos os dons com que foi dotado e exprimi-los-á livre de quaisquer entraves e será capaz de prestar um serviço maior aos que dele necessitam.

“Sentis falta da presença habitual, suspirais pelo corpo físico que já não vedes, mas a realidade está sempre lá, embora não vos seja palpável. Olhai para lá do mundo dos sentidos, para lá das cinco janelas grosseiras e desajeitadas da alma, e procurai recolher alguma da sabedoria que vem com o conhecimento da realidade espiritual.”

“Deveis estar tristes porque estão libertos da dor, da velhice, do cansaço e da fadiga?”, perguntou noutra ocasião. “Deveis estar tristes porque escaparam das trevas para a luz? Deveis estar tristes porque agora podem desdobrar os talentos com que foram dotados? Deveis estar tristes porque agora são livres para desfrutar das ocupações que lhes são naturais?

“Não, a vossa tristeza é egoísta. Estais a lamentar a vossa própria perda, estais a pensar em termos do que vos falta e do que tereis de suportar — uma vida de solidão, privada do amor que a enriqueceu. Mas estais errados. Não tem de haver solidão se vos familiarizardes com a verdade e permitirdes que as escamas da ignorância caiam dos vossos olhos, para que possais contemplar a forma radiante daquele que amais.

“A morte não vos pode separar daquele que amais, pois o amor reclamará sempre o que é seu. A vossa dor assenta na ignorância. Com o conhecimento poderíeis ter a certeza de que aquele que amais está mais perto do que alguma vez esteve. Poderíeis saborear alguma da alegria que vem com a apreciação e a compreensão da realidade espiritual.

“Não choreis porque a lagarta se tornou uma belíssima borboleta. Não choreis porque a gaiola foi aberta e o pássaro ficou livre. Rejubilai, e sabeis que a alma

libertada encontrou a liberdade e que, se desdobrásseis os poderes que o Grande Espírito vos deu, poderíeis partilhar alguma da nova beleza e alegria que lhes pertencem. Poderíeis compreender o plano da morte e perceber que a morte é apenas um degrau, uma porta pela qual entraís na maior liberdade dos reinos do espírito.”

Uma descrição vívida da morte como parte do ciclo da vida foi dada por Silver Birch quando, numa Páscoa, estabeleceu uma comparação com as estações do ano.

“Pensai no ‘milagre’ das estações”, disse, “o círculo eterno a girar para sempre com constância inquebrada — as neves do inverno, quando toda a vida dorme; o arauto da primavera, quando a vida desperta; a plenitude do verão, quando a vida se revela em toda a sua beleza; o outono, quando a voz da natureza se cala e se faz a preparação para o sono antes que sobre ela venha o período de refrigério.

“Estais prestes a testemunhar a grande revelação da natureza — primavera, Páscoa, ressurreição — quando a vida nova se torna visível por todo o vosso mundo, a vida que tem dormido, a vida que recuou para a escuridão da mãe-terra, aí encontrando paz e quietude na escuridão. Em breve vereis a seiva a subir, o gomo, a folhagem, a folha e depois a flor. As pequeninas anêmonas erguem as cabeças e mil vozes anunciam o nascimento de vida nova.

“Sereis lembrados dos antigos pagãos, os ‘incivilizados’ selvagens, cuja religião se fundava nos rituais da natureza, que viam nas estações o drama divino, que construíram a partir dos movimentos das estrelas e dos planetas as vidas dos deuses, os poderes que velavam por eles; que prestavam tributo às leis que regiam a sua vida, que reconheciam que a maior estação de todas era a primavera, quando o nascimento vinha sobre o vosso mundo.

“O ciclo repete-se em cada vida humana. O cortejo da natureza duplica-se em cada alma humana. Primeiro está a primavera, com a consciência a despertar; o verão, quando as forças do homem se elevam ao máximo; o outono, quando a vida começa a declinar; e o inverno, quando o sono vem sobre a alma cansada e fatigada. Mas, mesmo após o inverno da vida física, a primavera vem ao espírito, quando desperta noutro mundo para continuar esse ciclo eterno. Retirai da natureza esta mensagem e ficai seguros de que as leis que nunca falharam continuarão a operar no vosso caso e no caso de toda a vida humana.”

CAPÍTULO DEZ

O VERDADEIRO PROPÓSITO DA RELIGIÃO

Questionado sobre a sua definição de religião, Silver Birch respondeu: “Religião é servir o Grande Espírito servindo os Seus filhos. A religião tem pouco a ver com as ideias convencionais do vosso mundo. Religião é aquilo que permite que o Grande Espírito em vós se revele na vossa vida. Religião é aquilo que aumenta o laço entre vós e o Grande Espírito e entre vós e os outros dos Seus filhos. Religião é aquilo que vos faz sair para o vosso mundo e prestar serviço onde quer que possais. Religião é serviço, e serviço é religião.”

Tudo o resto não importa. Quando o corpo físico cai, todos os credos pelos quais os seres humanos durante tanto tempo lutaram e se esforçaram revelam-se vazios e vãos, sem sentido e sem propósito, pois não ajudaram em nada o crescimento da alma. O crescimento da alma só aumenta através do serviço, pois à medida que esqueces o eu no serviço aos outros, a tua própria alma cresce em estatura e em força.

Durante demasiado tempo houve demasiadas chamadas religiões, cada uma com uma variação de uma mensagem. As coisas que consideram mais preciosas são, na realidade, sem valor. As coisas pelas quais, no passado, fizeram correr sangue, torturaram, mutilaram e queimaram não aumentam o espírito do homem em nada. Dividiram a humanidade em campos opostos; criaram barreiras; causaram diferenças desnecessárias entre países e famílias. Causaram disputas; fizeram tudo o que representa desunião e desarmonia. Falharam em unir os filhos do Grande Espírito. É por isso que não nos preocupamos com edifícios e religião convencional. Não nos interessa como um homem se chama a si próprio. O que importa é o que ele faz.

Um dos principais elementos da religião ortodoxa é a oração. Qual é o objetivo da oração? Eis uma resposta – a de Silver Birch:

Não para apresentar pedidos já conhecidos pela Onipotência; não para dar a conhecer ao Grande Espírito factos já sabidos, mesmo antes de serem expressos; não para pedir simples petições que talvez, quando respondidas, não mereças, pois, afinal, serás capaz de decidir o que é melhor para o teu próprio desenvolvimento? Não! O objetivo da verdadeira oração é obter uma união mais próxima com o Grande Espírito e com todos os poderes desse espírito, para que possam inundar e preencher o teu ser de uma forma muito mais rica do que alguma vez o fizeram.

A verdadeira oração é um exercício espiritual que obriga à introspecção, de modo que, olhando para dentro, te tornes consciente das tuas próprias fraquezas e imperfeições, mas também consciente da tua força inata. Assim, a oração aproxima-te da fonte de todo o ser e estimula e inspira-te a procurar alcançar estágios mais elevados de realização.

Quando lhe perguntaram como o mundo espiritual considera a oração, o guia respondeu: Para apreciar a oração, deves compreender o seu propósito. A simples emissão de palavras, a mera repetição de uma fórmula, não alcança nada. Esses caminhos gastos na atmosfera não atraem ninguém; também não criam forças vibrantes. Não nos interessam frases estereotipadas; pois não existe sinceridade por detrás delas e aquele que as profere fá-lo geralmente com indiferença, porque há muito deixou de refletir no significado das palavras que se repetem quase como um autómato. Há, contudo, algum valor na verdadeira oração. Nunca se sugere que, enquanto viveres no teu mundo, qualquer ação da mente possa substituir os trabalhos que tens de realizar.

A oração não é destinada a ser um refúgio do cobarde que procura escapar às suas obrigações. A oração não é um substituto para o trabalho que tens de fazer. A oração não é um meio de fugires às tuas responsabilidades. A oração não é um meio de ludibriar as leis do Grande Espírito. Nenhuma oração pode fazê-lo, nem pode alterar em nada a sequência inquebrável de causa e efeito. Podes ignorar todas as orações que não brotam de um coração disposto a servir e consciente das suas obrigações e dos seus deveres. Posto de lado tudo isso, há as orações que, por serem um exercício psíquico ou espiritual, põem em movimento certas vibrações que trazem respostas. Essas respostas não são necessariamente as que quem ora espera, mas são o resultado natural das vibrações que criou.

Se enfrentaste de forma honesta, justa e direta todos os problemas e dificuldades que te assolam; se tentaste, dentro dos limites do teu próprio poder, encontrar uma solução e falhaste, então tens pleno direito de pedir que algum poder superior, alguma alma maior, te dê luz na tua hora de perplexidade. E receberás essa orientação, receberás essa luz, pois aqueles que estão ao teu redor, aqueles que veem com os olhos do espírito, conhecem as condições da tua própria alma. Sabem, por exemplo, se és honesto ou não.

Depois, há a oração daqueles que desejam alcançar uma harmonia mais completa com as forças espirituais da vida, a oração da alma que anseia por superar as barreiras impostas pelo corpo físico e procura reivindicar o que lhe pertence. Essas orações têm de ser respondidas, pois o seu simples exercício está a permitir que o espírito adquira gradualmente a sua herança legítima.

Sempre que falas de oração, debes diferenciar os tipos de oração a que te referes.

Agora chego ao que é chamado a Oração do Senhor. Digo imediatamente que nenhuma oração estereotipada tem qualquer valor para a humanidade, que o simples ato de formalidade retira-lhe toda a força que possa originalmente ter possuído. Pode servir como uma fórmula útil, mas não pode ajudar-te de outra forma. O Grande Espírito é Lei perfeita. Não é necessário assediar o Grande Espírito com pedidos a que podes responder. Depois, debes lembrar-te também que muitos anos se passaram desde os dias em que se supõe que o Nazareno a tenha proferido. O homem cresceu e evoluiu e compreende muito mais acerca da vida nas suas múltiplas ramificações. Não foi exatamente nessa forma que o Nazareno a expressou, mas foi revestida da linguagem aplicável ao povo do seu tempo.

Agora sabes que o Grande Espírito não está no céu – sendo a lei perfeita, o Grande Espírito impregna todo o espaço, toda a vida; não há aspeto da vida no imenso universo do qual a lei perfeita não tenha conhecimento. O Grande Espírito não está mais no mais alto céu do que no mais baixo inferno. O Grande Espírito é universal e manifesta-se em cada fase da atividade universal. Não há necessidade de apresentar petições a anunciar que o reino do Grande Espírito virá; isso acontecerá, mas o momento em que acontecer depende do trabalho daqueles que cooperam com o poder do espírito e que procuram apressar a sua vinda. Que virá é inevitável, mas que essa vinda seja apressada ou retardada depende do trabalho que as pessoas do teu mundo sejam capazes de fazer.

Orações para bom tempo ou para chuva são comuns nas igrejas ortodoxas. Os membros do círculo discutiam orações para fazer o sol brilhar quando um participante perguntou: O que teria Deus de fazer para criar bom tempo de repente? Quantas toneladas de pressão sobre a Islândia teria de mover e como o faria?

Já me perguntaram antes acerca destes dias de oração – disse Silver Birch – e o Grande Espírito não se pressiona quando de repente decidis pedir-Lhe em massa. O Grande Espírito, sendo o Grande Espírito, conhece as necessidades de todos os Seus filhos antes de ser informado disso em lugares chamados catedrais e igrejas.

A oração não consiste no facto de grandes números de pessoas se reunirem e ouvirem palavras fixas ou composições especialmente preparadas. A oração não pode alterar o funcionamento da lei natural. A oração não pode interferir na sequência de causa e efeito. O homem não possui esse poder de interromper o

que é uma certeza matemática – de que o efeito segue a causa com precisão inalterável.

A oração tem valor como exercício do espírito, quando o indivíduo, consciente das suas limitações e, paradoxalmente, da sua força inata, procura libertar esse fluxo de energia latente dentro do seu próprio ser para o inspirar e impeli-lo a feitos maiores. A oração, quando é verdadeiramente oração e, assim, um exercício do espírito, é um meio pelo qual o espírito do homem se liberta de parte da servidão terrestre e encontra uma maior manifestação. Assim, o homem torna-se mais receptivo a forças superiores e torna-se ele próprio o veículo da resposta à sua oração, isto é, ao desejar servir torna-se digno de maior inspiração.

É assim que entendo o valor da oração. Mas súplicas em massa para alterar a lei natural não podem ter qualquer efeito.

Quando lhe perguntaram qual era a utilidade dos dias oficiais de oração, Silver Birch respondeu: A oração não é oficial nem oficiosa. Não é fixada por dias ou noites. A verdadeira oração não pode ser ordenada por nenhuma fonte exterior ao indivíduo.

Não há valor na oração mecânica, em orações ditas de cor. Aqueles que se reúnem de tempos a tempos porque foram mandados fazê-lo, ou porque é seu hábito, e leem, ou ouvem ler, palavras que às vezes são tão familiares que já não deixam qualquer marca nas suas mentes – esses não se colocam mais perto do Grande Espírito. O Grande Espírito conhece todas as tuas necessidades. Ele sabe os desejos não expressos do teu coração; não há necessidade de lhe pedir em grandes números.

A verdadeira oração não consiste nas palavras que são proferidas em assembleia pública; a verdadeira oração não consiste em palavras de todo. A verdadeira oração é a aspiração da alma que reconhece ser um fragmento de um todo muito maior e procura unir-se; procura aproximar-se cada vez mais desse poder que a criou e de que é parte.

A verdadeira oração realiza-se pelo indivíduo quando este está a sós, quando a sua alma anseia e deseja afinar-se e harmonizar-se com o ritmo da vida, com as forças criativas que o rodeiam, para que, assim, o indivíduo se prepare para um serviço maior. A verdadeira oração é um meio de introspeção onde o indivíduo, consciente da sua divindade, está também consciente de todas as suas falhas e procura utilizar os seus dons latentes para que possa ser verdadeiramente um instrumento do poder que lhe deu vida e nascimento.

Estas coisas não podem ser alcançadas por métodos oficiais, por exhibições ou cerimónias. Só podem ser alcançadas no silêncio da alma, nesse silêncio carregado de significado e possibilidade para todos os que são sinceros no desejo de nada procurar para si, mas de servir os outros.

As opiniões do guia sobre a oração não ficariam completas sem um ou dois exemplos de algumas das orações proferidas pelo próprio Silver Birch. Primeiro, uma invocação:

Grande Espírito Branco, esforçamo-nos por revelar o amor perfeito que está por detrás da lei perfeita. Ao longo de todos os séculos, os homens tentaram visualizar-Te e as suas conceções basearam-se nas suas falhas, limitações e restrições.

Vislumbraram ténues lampejos da sabedoria suprema que dirige a vida universal e procuraram traduzir este poder transcendental em termos que pudessem compreender. Visualizaram o Teu carácter em termos de um ser humano, com todas as fraquezas, falhas e paixões comuns a todos os mortais. Conceberam uma divindade pessoal que intervinha para mostrar favor ou ira divina. Mesmo com o crescimento do conhecimento ao longo dos séculos, a imagem pintada do Criador de todo o universo fica aquém do que Tu realmente és.

Está além da mente de qualquer homem traduzir o infinito em linguagem finita. Toda a divindade da Tua majestade, e toda a eternidade do Teu Amor e da Tua sabedoria são incapazes de ser compreendidas por aqueles cujos sentidos os confinam a um mundo de matéria.

E assim nós, que tivemos experiência de outros aspetos do ser, apontamos para a lei natural; a lei que contém e regula tudo; a lei que é infalível na sua constância e inflexível no seu propósito; a lei que providencia para todos os tipos de atividade num universo cheio de miríades de formas de ser; a lei que controla todos os fenómenos naturais da vida; a lei que regula a órbita da atividade humana.

Com a compreensão de como o universo é regido, e com o abandono da ideia de um Deus partidário, surge na mente uma imagem de sequência, de ordem, de ritmo, de harmonia e de equilíbrio perfeito. O indivíduo percebe que é parte de um plano infinito, a sua própria vida desempenhando a sua medida no plano divino.

É parte da nossa tarefa revelar aquelas qualidades do espírito humano que podem acrescentar brilho à vida, aqueles dons da alma e da mente que são ainda regiões inexploradas, cheias de vastas potencialidades e que, quando exercidas,

podem trazer à vida humana uma riqueza e uma doçura, uma grandeza e uma nobreza, uma amplitude de visão e uma estatura mental que transformam todo o entendimento humano. Estes são os aspetos do homem que o relacionam com o eterno; estes são os atributos divinos que Tu implantaste; e estes são os dons que, quando desenvolvidos, o tornam semelhante a Deus e o ajudam a cumprir o seu direito de nascimento e a reivindicar a sua herança.

Assim é que trabalhamos nos campos da realização espiritual, pois é aí que tanta ignorância reina. Se esta pudesse ser dissipada, a luz da verdade seria o guia de toda a humanidade. Tudo o que pertence às trevas deixaria de existir e os Teus filhos, em toda a parte, viveriam como Tu desejas, livres, íntegros e dignos da sua linhagem divina.

E aqui está um reconhecimento inspirado da herança divina do homem:

Ó Grande Espírito Branco, somos testemunhas vivas das Tuas verdades eternas, do Teu poder e da Tua lei imutável. Vemos-Te refletido no panorama da natureza que é a Tua obra divina.

Tu és visto no nascer e no pôr do sol, nas estrelas cintilantes no firmamento, no embate da maré do oceano, na brisa suave, nos pinheiros ondulantes, nos insetos zumbidores, nos céus azuis, em todas as faces de uma ordem natural da vida sempre mutável.

Tu és encontrado no espírito que está em todas as Tuas criaturas vivas. No homem Tu és visto como consciência individual, pois ergueste-o para que pudesse participar contigo nos processos de moldar a criação infinita.

Concedeste ao homem muitos dos Teus atributos divinos, e ele possui, como consequência, os dons do espírito, aquelas faculdades que lhe permitem estar consciente das forças mais subtis da vida, o Poder do espírito.

É esse poder que tornou a vida possível; é esse poder que o distingue do todo da criação; é esse poder que lhe dá a capacidade de pensar e julgar, de refletir e decidir, de contemplar a beleza e compreendê-la, de receber sabedoria e apreciá-la, de adquirir conhecimento e valorizá-lo.

É esse poder que o torna sujeito à inspiração da vida maior; é esse poder que lhe possibilita vir em auxílio daqueles que carregam as dificuldades da vida; é esse poder que o torna consciente do mundo do espírito e de todos os seus habitantes que procuram utilizá-lo nos campos mais vastos do serviço; é esse poder que o torna consciente do seu próprio lugar no vasto esquema cósmico.

Desejamos difundir o conhecimento de tudo aquilo que permitirá ao homem cumprir o papel que lhe foi designado, que o habilitará a reivindicar o seu destino maior.

Assim poderá ele afastar toda a escuridão que atualmente obscurece a luz; assim poderá viver em sabedoria, verdade, entendimento, harmonia e paz; assim poderá desempenhar o seu papel em ajudar os outros a compreender a sua relação contigo, o propósito das suas vidas e a perceber a vida maior que os espera para além da porta a que os homens chamam morte.

Finalmente, uma oração sobre o serviço:

Que todos nós façamos uma pausa para nos sintonizarmos com a força do universo, com a fonte de toda a sabedoria, com a mente divina, para que possamos refrescar-nos e ganhar força, para que possamos banhar-nos na sua sabedoria, para que possamos receber direção, propósito e entendimento.

Ó Grande Espírito, todos nós desejamos ser Teus servos na medida mais plena, espalhar a Tua verdade, a Tua sabedoria, o Teu amor e a compreensão das Tuas leis eternas e naturais. Desejamos dar aos Teus filhos a compreensão do seu lugar no Teu plano infinito, para que possam verdadeiramente encontrar-se e aprender a usar o poder que Tu lhes concedeste num mundo cheio de escuridão e amargura, ira e ódio.

Desejamos sublinhar as simples verdades das realidades espirituais, que constituem sempre os fundamentos eternos da justiça, da retidão, da bondade e da beleza. Para aqueles que perderam o caminho, que não sabem onde Te encontrar, o nosso objetivo é ensiná-los que Tu estás dentro deles, que o Teu espírito infinito reside nos seus seres, que verdadeiramente o reino dos céus está dentro – um reino de alegria e felicidade, um reino de sabedoria e entendimento, um reino de tolerância e retidão.

Desejamos alcançar todos os que estão tristes e cansados, doentes e aflitos, que choram e ainda não foram consolados, que estão exaustos e sem rumo, que não sabem para onde se voltar em busca de orientação e entendimento, para que percebam que Tu não os deixaste sozinhos. A nossa missão abrange todo o mundo da matéria e todas as pessoas que nele habitam, sem fazer distinções entre elas, reconhecendo que o Teu espírito flui através de toda a natureza humana, através de cada faceta do poderoso universo e se exprime em cada átomo de consciência.

Com o reconhecimento dessa verdade surgirá uma nova paz, que acelerará os corações, as almas e as mentes dos homens e os fará viver uns para os outros, servindo-Te ao servir os Teus filhos em toda a parte.

Serviço – quantos de nós servem verdadeiramente a humanidade no sentido enobrecido e dedicado constantemente instado por Silver Birch? O verdadeiro altruísmo é alcançado por poucos, mas as palavras seguintes podem servir de estímulo para aqueles que estão dispostos a admitir o quão aquém ficamos do supremo ideal religioso encarnado nessa simples palavra de sete letras:

Toda a tónica do nosso ensinamento está contida na palavra – serviço. Declarámos guerra eterna contra esse egoísmo que é um dos cancros do vosso mundo. Estamos determinados a destruir esse materialismo que conduz à guerra, ao sangue derramado, ao caos, à destruição.

O nosso é o evangelho da ajuda mútua, da cooperação, da tolerância, da simpatia. Desejamos que todos aprendam a servir-se uns aos outros, que aquele que tem muito dê parte da sua abundância a quem nada ou pouco tem; que aquele que é ricamente dotado de dons da mente use a sua herança para iluminar aqueles que ainda estão nas trevas.

O vosso mundo precisa de serviço. Precisa da difusão da ideia de que todas as pessoas são partes umas das outras, que o espírito divino flui através de todos os seres humanos, tornando-os iguais aos olhos do Grande Espírito – iguais no que respeita às suas naturezas. A grandeza surge quando aqueles que estão mais avançados em carácter, em crescimento, em evolução e em entendimento procuram partilhar o que possuem com aqueles que carecem dessas posses.

Aqueles que trabalham para o mundo do espírito, aqueles que colocam os seus dons à sua disposição, descobrirão sempre que são servidos à medida que servem, porque estão a aceder à lei que tem de cumprir-se. Não é parte de um suborno, ou de uma recompensa, é apenas o cumprimento da lei de causa e efeito, segundo a qual aquele que mais dá pode mais receber.

Aqui estão as opiniões de Silver Birch sobre o importante tema da educação religiosa das crianças:

Começemos pela verdade muito óbvia de que a criança de hoje é o homem ou a mulher de amanhã. Assim, percebemos de forma simples que toda a educação que recebe deve ser uma preparação adequada para a vida que se estende para além da escola, de modo a que esteja equipada, pronta para enfrentar as tarefas que a cidadania impõe a todas as vidas adultas.

A verdadeira educação deve consistir na difusão daquele conhecimento que permitirá às crianças serem cidadãs do mundo em que vivem. Deve instruí-las em todas as leis naturais do universo. Deve torná-las conscientes de todas as faculdades de que foram dotadas, de modo a que o seu desabrochar seja de maior utilidade para as suas próprias vidas e para o mundo em que vivem.

A criança é maleável; a sua mente ainda não está formada em julgamento; não possui meios instintivos de reflexão e discernimento, de avaliar se as afirmações que lhe são ensinadas são verdadeiras, falsas, ou contêm apenas parte da verdade. A mente da criança é muito plástica e, sendo confiada, aceita como verdade aquilo que é incutido na sua mente numa idade em que ainda é demasiado cedo para questionar as instruções que lhe são dadas.

Assim, lida-se com material muito precioso e muito delicado, pois está-se a ajudar a formar impressões que se tornarão parte da trama do próprio ser da criança. Está-se a alcançar a mente subconsciente da criança, e tudo o que lhe é ensinado irá colorir o seu pensamento na vida futura. Aqueles que, por qualquer razão, deliberadamente inculcam doutrinas que são falsas, são culpados de um gravíssimo desserviço ao futuro da raça e da civilização.

Se se ignoram as muitas potencialidades da criança, se se desconhecem as realidades espirituais e, como consequência, não se é capaz de lhe ensinar as verdades acerca do seu próprio ser, da sua própria natureza, da sua relação com o Grande Espírito, da sua relação com o vasto plano cósmico da vida, então a criança ficará prejudicada. Passará pela vida não tão bem equipada e armada de conhecimento como deveria estar.

Não cabe à minha esfera tratar dos requisitos essenciais para a vida física. Esses são bem conhecidos, pois é óbvio que deve haver ensino em todas as ciências e fenómenos naturais da vida, em tudo o que ajude a cultivar a mente para apreciar as riquezas da literatura e todas as artes e refinamentos do vosso mundo.

E assim chego à questão da religião, que, procurando dar orientação à alma para que esteja preparada para enfrentar e vencer todas as batalhas da vida, desempenha obviamente um papel primordial na educação. Porque toda a criança é parte do Grande Espírito, porque é em essência um ser espiritual, é destinada a viver com todos os benefícios que a liberdade traz. Se oprimes, se restringes a alma da criança desde cedo, estás a negar-lhe os seus direitos elementares de liberdade; estás a condená-la à servidão; estás a torná-la uma escrava espiritual.

A liberdade é a essência de toda a educação. Tal como eu a vejo, a criança crescerá em liberdade se lhe forem ensinadas as verdades sobre a religião. Se aqueles que são professores dão instruções baseadas no desejo, não de dar à criança liberdade, mas de lhe ensinar lealdade ao mito e à fábula antigos, então estão a envenenar as nascentes da mente da criança. Nenhum serviço é prestado à religião, à educação ou à criança ensinando-lhe credos descartados que, se for inteligente, rejeitará à primeira oportunidade.

Depois virá a reação inevitável. Voltará as costas a todos aqueles que considera que a desencaminharam numa altura em que não tinha meios de lhes resistir. A jovem árvore está destinada a crescer vigorosa e direita como um tronco, mas se lhe dás alimento que é falso, então estás a ajudar a adulterar as próprias raízes do seu ser e o crescimento tornar-se-á atrofiado.

Oponhamo-nos a todos aqueles cujo desejo não é ensinar as verdades acerca do espírito, não é ensinar sobre a relação entre os seres espirituais e o Grande Espírito da vida, mas cujo desejo é fortalecer as suas igrejas vacilantes e encher os seus bancos a esvaziar. A verdade sobre a religião é que nenhuma religião possui a totalidade da verdade. Cada uma viu apenas um vislumbre e esse, aí de nós, foi-se distorcendo ao longo dos séculos ou falsificado pelos seguidores de credos.

A criança deve ser ensinada de que a verdadeira religião é prestar serviço, ignorar toda a elaboração de frases da casta sacerdotal, e viver uma vida honesta e altruísta, desejando ajudar o mundo em que habita e assim ser fiel ao Grande Espírito, de Quem é parte integrante.

“Como explicarias o Grande Espírito às crianças?” perguntaram uma vez a Silver Birch. Respondeu:

“Essa não é uma tarefa difícil se quem tem de fazer a explicação possuir uma conceção clara do poder que está por detrás de toda a vida. Por mim, apontaria para a arte divina da obra da natureza. Apontaria para as estrelas, os diamantes no céu. Apontaria para a glória do sol, para o pálido reflexo da lua. Apontaria para a brisa sussurrante e murmurante, para os pinheiros ondulantes. Apontaria para o regato que goteja e para o oceano poderoso. Tocaria cada faceta da natureza mostrando como cada uma é controlada por um propósito, por uma lei. Acrescentaria que, onde o homem fez qualquer descoberta no domínio da vida natural, verifica que ela entra na órbita da lei, que o seu crescimento é controlado e regulado, que é parte de um vasto, intrincado e, no entanto, harmonioso padrão, que a ordem reina suprema por todo o vasto universo,

controlando planetas e insetos, tempestades e brisas, toda a vida, por mais variadas que sejam as suas expressões.

“E então diria: a mente por detrás de tudo isso, o poder que tudo sustenta, a força que controla todo o vasto panorama do universo e muitos outros mundos que ainda não vistes, é aquilo a que chamamos o Grande Espírito.”

CAPÍTULO ONZE

ALGUMA PERGUNTA?

O que pensa Silver Birch da reencarnação? Quais são as suas opiniões sobre o crime, a vivisseção, o suicídio? De todas as partes do mundo chegam as questões problemáticas.

Às perguntas: “A vivisseção é certa ou errada? Pode a humanidade beneficiar desta prática?” respondeu: “Sou contrário a toda a prática de experiências em animais. Não vejo justificação alguma para isso. Os animais são colocados sob a vossa tutela e cuidado e, até certo ponto, é vossa a responsabilidade de ajudar o seu crescimento e a sua evolução. É uma pobre retribuição ao amor, à devoção e à fidelidade infligir dor a uma criatura indefesa.

“O poder curativo em muitas formas da natureza está aí à espera que o encontreis. O Grande Espírito providenciou tudo o que é necessário sem esta interferência com a criação animal. Aqueles que trabalham a partir do meu mundo, que agora são tidos como possuindo alguma aptidão no alívio das vossas doenças, e até curando quando outros disseram que a recuperação é impossível, não recorrem à vivisseção. Utilizam as ervas dos campos; utilizam os raios do espírito. Isso não implica crueldade para com ninguém. O universo está cheio de um propósito moral. O propósito imoral é contrário à lei.”

“É alguma vez permitido que uma pessoa passe adiante por ato próprio — como a que fica privada de uma devoção companheira?” A isto, veio a resposta intransigente: “Não. Deveis viver as vossas vidas segundo a lei, pois a lei é sempre perfeita na sua operação. É controlada pelo amor perfeito e pelo Grande Espírito, Que está em todas as coisas e Que trabalha através de todas as coisas. Não tendes o direito de interferir com a operação da lei e, se o fizerdes, tereis de pagar o preço por vos cortardes dela.

“Se obrigardes a maçã a cair da árvore antes de estar madura, então a maçã não tem doçura. Se vos forçardes a entrar na fase seguinte da vida antes de o vosso espírito estar pronto, então tereis de pagar o preço no longo ajustamento que

tereis de fazer. Terá também o efeito de vos causar separação daqueles que amais, pois tereis criado um fosso.”

Outra pergunta interessante foi: “Em que momento entra o espírito no corpo?”

“Como espírito, sempre exististes,” explicou ele, “porque o espírito é parte da vida e a vida é parte do espírito. Sempre exististes.

“Porque sois parte do Grande Espírito,” continuou, “nunca tivestes um começo, mas vós, como indivíduo, como individualidade consciente separada, tendes de começar algures, mesmo no curso da vida. Quando ocorre a conceção, as células do masculino e do feminino encontram-se e fornecem um veículo para que uma partícula da força vital comece a exprimir-se através de um corpo físico. A força vital permanece inexpressa até existir um veículo através do qual se possa manifestar. É isso que os pais terrenos providenciam. Desde o momento em que as células se fundiram e formaram a sua união, a minúscula partícula de espírito naturalmente se ligou e começa a sua expressão no vosso mundo da matéria. E sustento que esse é o alvorecer da consciência. A partir desse momento, inicia a sua vida individual consciente. Daí em diante será sempre uma entidade individual própria.”

Outra pergunta delicada começava assim: “Sem culpa própria, bebés inocentes nascem no mundo vítimas de doenças hereditárias, venéreas e outras. Isto não parece muito justo, pois não é culpa da criança ter herdado tal doença. Podes dizer algo sobre isso?”

O guia respondeu: “Os que falam de injustiça continuam a pensar em termos de corpos, de um mundo de matéria, e não de uma vida infinita. O espírito não sofre de doença venérea. O espírito não é coxo, nem deformado, nem vergado. O espírito não sofre de quaisquer traços hereditários ou de quaisquer características adquiridas pelos pais. Estas não alteram o indivíduo, embora afetem o corpo através do qual o espírito se manifesta na Terra.

“Embora possais, muito possivelmente, argumentar que, do ponto de vista terreno, olhando a vida apenas de uma perspetiva material, quem nasce num corpo doente tem uma vida física muito pior do que quem nasce num corpo saudável, essas opiniões não se aplicam ao espírito que está por detrás do corpo. Não sereis automaticamente mais pobres em espírito porque o vosso corpo está doente, nem mais ricos em espírito porque o vosso corpo é mais saudável. Com efeito, pode argumentar-se que o vosso espírito será mais rico porque tereis aprendido as muitas lições da dor e do sofrimento que fazem parte do equipamento do espírito na sua evolução essencial.”

Silver Birch raramente discute astrologia, mas certa vez um membro do círculo disse-lhe: “Tenho notado que alguns espiritualistas confundem astrologia e espiritualismo nas suas mentes. Pensam que a sua vida neste mundo é de algum modo determinada e controlada pelos astros.”

“O que é verdade,” disse o guia, “é que a totalidade da vida é uma série de vibrações, radiações e emanações, e que sois influenciados por cada parte da ordem natural do ser. Tudo isso causa alguma influência em vós, mas nenhuma é tão potente que exerça um poder que não possais alterar.

“Não é verdade que a vossa vida está predestinada porque, no momento do nascimento físico, alguma estrela estava em ascendente. Todos os planetas, toda a natureza, tudo no universo, todos os seres têm algum efeito em vós. Mas vós sois os senhores da vossa alma; tendes responsabilidade pessoal e fixais o vosso próprio destino de acordo com o vosso progresso espiritual. É assim que o vejo.”

“Não achas que a estrela sob a qual nasceste afeta a tua personalidade?” perguntaram-lhe. O guia respondeu: “Penso que todos esses planetas têm radiações que afetam o corpo físico, e coisas que afetam o corpo físico têm algum efeito no espírito; o espírito é supremo; o espírito é preeminente, e não há estrela, planeta, constelação ou galáxia que vos possa impedir de dominar todas as influências físicas que afetam o vosso corpo.

“Quero dizer que sois parte do Grande Espírito e, porque sois divinos, porque o poder da vida criadora está em vós, porque sois parcela desse poder que plasmou toda a vida, podeis erguer-vos triunfantes sobre tudo o que poderia manter o vosso corpo em sujeição. Eu sou uma influência sobre vós; as pessoas que encontrais são influências sobre vós; os livros que ledes são influências sobre vós; mas são influências, não esmagadoras nem dominadoras. Por certo que isso é bastante claro.”

Silver Birch afirma que a reencarnação é um facto. Ele viu indivíduos que anteriormente se encarnaram na matéria. “Faz-se isso,” afirma, “por aqueles que têm missões específicas a cumprir, um ato voluntário para resgatar um compromisso.

O que encarna é outro aspeto da mesma individualidade, e não me refiro à personalidade. Se visualizares o homem como um indivíduo que, na sua vida terrena, é como um icebergue em que tens uma pequena porção a manifestar-se e a porção maior a não se manifestar, então esse é o fim de uma encarnação. Numa encarnação sucessiva, uma porção do eu submerso virá ao mundo da matéria, duas personalidades diferentes, mas um único indivíduo. E, na vida

espiritual, à medida que a progressão tem lugar, é parte do eu submerso que vem à superfície todo o tempo.

“Tenho pensado muito na prevalência da crescente vaga de criminalidade entre os jovens e na abolição do castigo corporal. Qual seria a forma adequada de tratar esses jovens que parecem não ter nada a que se possa apelar, que são em si mesmos brutos? Como se pode lidar com um bruto? Que tipo de punição se pode conceber?”

A este participante perplexo, a resposta do guia foi: “Quando tendes guerra, libertais as piores forças na humanidade, além dos surtos mais nobres da mente humana. Verificais que há atos de heroísmo que mostram o ápice da realização humana, mas, ao mesmo tempo, há atos de brutalidade ignóbil.”

“Os dois extremos ficam libertos,” disse o interlocutor.

“Sim,” foi a resposta, “e a violência é encorajada como parte necessária da guerra. Quando ela termina, não se consegue pôr fim rapidamente a toda a violência e brutalidade que foram desencadeadas. Fica-se com uma situação em que o lado brutal se tornou predominante em grande número de pessoas. Perguntam como isto deve ser tratado. Há duas vias, e estão claramente enunciadas num livro que é reverenciado no vosso mundo. Há o caminho antigo, que diz: ‘Olho por olho, dente por dente’, e há o caminho mais recente, que foi a lei para substituir a velha máxima: ‘Ama o teu próximo como a ti mesmo.’ Essa é a escolha clara.

“Se seguirdes a via inferior, não estareis a obter quaisquer curas. Podereis obter paliativos, remédios temporários, mas não curastes os males nem a brutalidade. Se adotardes o outro padrão e reconhecerdes que esta maldade faz parte do desajuste de mente, corpo e espírito, e a tratares em conformidade para que o desajuste possa ser devidamente corrigido, então fareis melhores cidadãos. É esse o caminho que eu defenderia.

“Sim, percebo isso, mas a dificuldade é chegar a esses jovens rufias, como tocá-lhes no lado mais brando,” declarou o interlocutor.

“Não se trata de tocar no lado mais brando,” afirmou o guia. “Trata-se de lhes dar o tipo de tratamento psicológico e, se necessário, espiritual que subjuguem a brutalidade e permita ao que, na realidade, é a alma encontrar alguma expressão. É como alguém que está doente e não há um verdadeiro alinhamento entre corpo e alma. Existem várias formas de curar a doença. O método mais satisfatório é pôr fim ao alinhamento defeituoso entre corpo e espírito e permitir uma expressão harmoniosa, e a saúde resulta automaticamente. Do

mesmo modo, se pudésseis obter a ajuda de peritos em psicologia e permitir até que curadores espirituais exercessem a sua ação, obteríeis resultados, mas infelizmente o vosso mundo não está preparado.”

A discussão continuou quando um membro do círculo disse: “É uma questão muito interessante. Quando se dá uma valente sova a esses jovens rufias eles parecem portar-se bem.”

“Incutis medo, mas não curais o mal,” insistiu o guia.

“Mas assustam-se e passam a portar-se bem,” contrapôs o visitante.

“Sim, mas não resolvestes o problema do indivíduo,” declarou Silver Birch.

“Estais a encará-lo puramente num período muito limitado. É como enforcar um homem; dizeis que, se o enforcais, haveis resolvido o problema. Sim, em parte, mas o homem continua a existir.

“O bem-estar de um réprobo vale mais do que o bem-estar da sociedade?” perguntou o mesmo membro do círculo.

“A sociedade é composta por indivíduos,” disse o guia. “Todos devem receber atenção. Estou a apontar para aquilo que penso ser a melhor via — não responder à violência com violência, mas com compreensão e transformar o que era violência em boa cidadania.”

Aqui, outro membro do círculo comentou: “Somos todos responsáveis pelo rufia. É nossa responsabilidade.”

“Somos todos responsáveis,” disse o guia, “porque toda a humanidade é uma só e o que afeta o meu irmão tem de me afetar a mim. Vivemos num universo em que toda a vida é interdependente em todos os seus aspetos e nenhuma faceta pode ser isolada do resto.”

“Os açoites não passam de um paliativo, limitam-se a assustá-los para que se portem decentemente,” disse o questionador inicial.

“A vossa sociedade moderna ainda não alcançou o estágio em que conhece os remédios apropriados para os males que a afligem,” acrescentou Silver Birch.

“Isto é uma questão de evolução. Antigamente enforcavam pessoas por roubar ovelhas. Argumentava-se com convicção que, a menos que as enforcassem, o que seria de todas as ovelhas que tinham de ser protegidas?”

“Suponho que, numa sociedade semi-evoluída, é correto ter um tratamento e um castigo semi-evoluídos,” disse um membro do círculo.

“Não é correto enquanto uma só alma compreender a melhor via,” insistiu Silver Birch. “O que é melhor: atirar homens para prisões horríveis ou trabalhar para melhorar as condições prisionais, de modo a transformar o preso em cidadão digno? Melhor ter um sucesso e noventa e nove fracassos do que nenhuma tentativa de os elevar.”

“Concordaria que a pena capital é correta?” perguntou-se ao guia durante a discussão. Ele respondeu: “Não, não concordo, porque não é o menor de dois males. Na pena capital limitam-se a sancionar o assassinio legal. Dizeis que é errado o indivíduo matar, mas é certo o Estado matar. Isso não é lógico.”

“A sua principal objeção é por o homem ser arrancado da vida, ou por significar que um carrasco é empregado pelo Estado para assassinar esse homem como um ato oficial e, portanto, é muito mau para o homem que tem de cometer o assassinato?” foi-lhe perguntado.

“Enfatizaria ambos esses pontos de vista e o facto de que, se persistis no enforcamento, isso significa que ainda não sois uma sociedade ou comunidade evoluída, porque não percebeis que não resolvestes o problema. Tudo o que fizestes foi cometer mais um assassinio, pelo qual todos sois responsáveis. Não é punição. Apenas precipitastes uma alma para outro mundo.”

CAPÍTULO DOZE

QUEM É SILVER BIRCH?

Lemos alguns dos ensinamentos e da sabedoria de Silver Birch nos capítulos anteriores. Mas e Silver Birch em si? Quem é ele? De onde vem? Qual é o propósito da sua missão na Terra?

Sylvia Barbanell, no seu prefácio a *More Wisdom of Silver Birch*, conta parte da história. “Passaram-se mais de vinte anos,” relata, “desde que me sentei no meu primeiro círculo. Realizou-se numa casa muito humilde, num dos bairros mais pobres de Londres. Um dos participantes, um jovem que apenas começara a interessar-se pelo Espiritualismo, ficou espantado ao descobrir, quando terminou a segunda sessão a que assistiu, que tinha sido tomado em transe. Ele era, e continua a ser, o médium de Silver Birch.

“Mas quão diferentes foram essas primeiras manifestações das de hoje! Quando o guia se anunciou pela primeira vez nessa reunião, mal conseguia articular algumas palavras em inglês. Gradualmente, aprendeu a falar com fluência crescente. Levou muito tempo a alcançar o vocabulário rico que agora possui.

“O jovem, escolhido por Silver Birch como seu instrumento terreno, teve de ser posto à prova, testado e preparado para o trabalho que iria desempenhar. Ao longo de muitos anos, os seus passos foram guiados em certas direções até que se atingiu o objetivo desejado — um campo mais vasto de oportunidade para que as palavras de Silver Birch fossem difundidas amplamente.

“Aqueles que conhecem este guia podem chamá-lo de amigo querido, bem como conselheiro e professor. Ele nunca se distancia da humanidade, mas irradia uma compreensão compassiva dos nossos problemas e fraquezas terrenos.

“A personalidade de Silver Birch desenvolveu-se e aprofundou-se desde que o conheci; ou melhor, seria mais correto dizer que ele apresenta um aspeto mais completo da sua verdadeira individualidade espiritual. Nos primeiros tempos da sua manifestação, era um espírito controlador brincalhão, por vezes barulhento, mas sempre amável. Foi uma ‘evolução’ gradual até ao sábio e maduro professor de hoje. Até a sua voz se alterou e agora difere quase por completo da do seu médium. De facto, tal é o outro lado da sua individualidade que agora se exprime que duvido que o reconhecesse como o mesmo guia espiritual se não fosse pela nossa associação contínua. É verdade, contudo, que certos traços não mudaram. Ele continua a demonstrar um apurado sentido de humor e mantém o dom da réplica rápida.”

“Sou uma voz que clama no deserto. Sou um servo do Grande Espírito. Que importa quem sou eu? Julgai-me pelo que procuro fazer. Se as minhas poucas palavras, a minha seriedade, a minha determinação, a minha missão entre vós trouxerem conforto ou luz a quem luta na escuridão, então sou feliz.”

Esta foi a resposta de Silver Birch quando um dos participantes do círculo lhe pediu uma pista sobre a sua verdadeira identidade. O que se sabe é que ele é um mensageiro evoluído de um grupo avançado que utiliza o corpo astral de um índio como ponte entre a sua esfera e a nossa. Mas ele considera que as obras têm mais valor do que os rótulos.

“Sou apenas um humilde servo,” disse uma vez, “um intérprete para aqueles que me enviaram para expor leis esquecidas que devem ser reavivadas como parte do novo mundo que está gradualmente a nascer. Pensai em mim sempre como um porta-voz. Represento a voz do espírito que procura fazer sentir a sua presença no vosso mundo e que está a consegui-lo cada vez mais. Existe uma vasta assembleia, todos com vontades perfeitamente sintonizadas, com mentes em harmonia, com almas unidas. Eles utilizam-me, tal como eu utilizo este instrumento, para dizer ao vosso mundo as verdades que estiveram demasiado

tempo sepultadas mas que agora estão a ser restauradas e a receber o seu devido lugar na vida de milhares de homens e mulheres.”

Noutra ocasião revelou: “Voltei apenas para sublinhar algumas verdades espirituais elementares. Parece-me — e sou já um homem bastante velho — que o que o vosso mundo precisa não é de alguma coleção teológica elevada, abstrata e de doutrinas complicadas, mas de algumas verdades simples, entronizadas nos corações da maioria das religiões, ensinadas por aqueles que foram inspirados pelo poder do espírito nos tempos antigos: que toda a humanidade faz parte uns dos outros, que por baixo das nossas diferenças físicas existe um laço comum do espírito que nos une a todos.”

“Sempre vejo a minha missão como dupla,” disse ele noutra reunião do círculo. “Uma é puramente destrutiva e a outra construtiva. Primeiro, destruir todas as ervas daninhas que sufocaram a alma humana durante demasiado tempo; as ervas daninhas da falsidade encorajadas pelas igrejas; todas as doutrinas absurdas, revoltantes e por vezes blasfemas apresentadas em nome da religião. Tudo isto tem de ser extirpado, pois impede a vida de ser vivida como deve. Essa é a parte destrutiva.

“A parte construtiva é oferecer conhecimento, mostrando a todos os que estão prontos a recebê-lo o quão razoável, simples, belo e verdadeiro ele é. As duas tarefas andam de mãos dadas, e não me preocupo com aqueles que não gostam de críticas a antigas falsidades veneradas. Vi demasiados dos seus resultados no vosso mundo e no meu.”

Numa era de superlativos, de vendas agressivas, de evangelismo astuto e de uma vida vivida a um ritmo tão frenético que muitos de nós reaceamos parar para pensar com receio de ficarmos para trás, a prosa ponderada e tranquila de Silver Birch cintila num recanto sereno de sanidade.

Aqui está um esclarecimento esplêndido, uma conceção imaculada de pensamento e ação espiritual, uma defesa inabalável da integridade, da coragem moral, da conduta ética e do serviço a Deus, ao homem e a todos os seres vivos.

Há dignidade, humor, compaixão, compreensão e uma grandeza inabalável nos ensinamentos deste visitante do mundo espiritual. E, no entanto...

“O mesmo sangue corre nas nossas veias, o mesmo espírito está em cada uma das nossas naturezas. O Grande Espírito fez-nos a todos membros de uma só família. As crianças criam diferenças e deixam de ver a unidade subjacente, e têm de ser lembradas de que não há verdadeiro progresso até que estas realidades espirituais ocupem o seu lugar em todos os sistemas terrenos.

“Fraternidade, cooperação, serviço, tolerância — estes são fundamentos de toda a vida, e até que o homem aprenda a construir sobre estes alicerces, não poderá haver verdadeira paz. Servi-vos uns aos outros, amai-vos uns aos outros, desejai ajudar-vos uns aos outros, para que aquele que tem muito dê algo a quem não tem o suficiente — estas são as verdades simples que devem ser repetidas vezes sem conta. E sei isto: todos os que as aplicarem nas suas próprias vidas e nas vidas dos povos e das nações proporcionarão o tipo de existência que o homem foi destinado a ter.”

Vale certamente a pena tentar...

Há muitos anos li este livro, que me inspirou a comprar tudo o que consegui encontrar dos Ensinamentos de Silver Birch. Esta informação tornou-se a base do meu conhecimento, sobre a qual tudo o resto assenta. Se este livro tiver algum significado para ti, os livros dos ensinamentos de Silver Birch ainda podem ser adquiridos em livrarias.

J.H.H.